

THEO, ALÉM DA LIBERDADE

“A liberdade para mim é uma porta pro paraíso. Uma brisa. Um sonho de quem tá voando. Eu nunca esperei nada da vida, até porque a minha vida, até aquele momento, não valia quase nada. A única coisa que espero agora... é perdão!”

(Theo)

A linha entre a realidade e o desconhecido sempre foi muito tênue e constantemente esses dois mundos se misturam. Amor e ódio são os viajantes mais frequentes. No caso que ora se apresenta, é o amor que se desloca levando em sua bagagem a costumeira proteção e o inseparável carinho.

- Mamãe? A senhora tá aí!

A rústica mala aberta sobre a cama acompanha o estranho monólogo.

- Meu pai vai mesmo me levar embora. Ele falou que é melhor pra mim, mas eu não queria ir...

A menina de 11 anos, pele alva, cabelos longos e amarrados por uma fita, abaixa a cabeça tentando conter uma lágrima.

- Tá bom, eu não vou chorar, mas a senhora promete que vai ficar sempre comigo?

Neste momento a porta se abre parcialmente e surge o rosto cansado de um homem de meia idade, já maltratado pela vida.

- Tá falando sozinha, Theolina?

- Não senhor...

- Tudo bem. Pega suas coisas que eu já vou te levar.

Uma caixinha de música, último presente da mãe, é acomodada na pequena mala. O pai dá passagem para a filha e, ao fechar a porta, olha instintivamente para os cantos do quarto como se percebesse a presença de alguém. Balança a cabeça e sai. Uma nova vida ia começar naquele instante.

Final da década de 50. Anos turbulentos para o mundo: havia a tensão da Guerra Fria e a corrida espacial já dava início com o esperado lançamento do Sputnik, o satélite russo. Os horrores da Segunda Guerra ainda estavam vivos na memória das pessoas. Elvis Presley sacudia os quadris levando ao delírio a juventude que estava prestes a conhecer o fenômeno Beatles. No Brasil, intensificavam-se os trabalhos na construção de Brasília, a futura capital, mas só se falava do início da Copa do Mundo. Na política, os caminhos se encontravam tortuosos para o Governo, na iminência de sofrer um golpe. O rádio estava em sua era de ouro, mas o mundo

pedia mudanças e já começava a se acostumar com a informação vinda de uma incipiente e recém-nascida televisão. O interior do País, no entanto, ainda cultivava hábitos simples e estranhos para os dias atuais. Um deles era entregar filhos para serem criados por outras famílias, geralmente ricas, na esperança que tivessem um futuro melhor.

Interior do estado de Minas Gerais. A família Salgado era uma das mais abastadas da região. Possuía inúmeras glebas de terra cultivável onde produzia alimentos e espalhava incontáveis cabeças de gado. Na cidade, “Os Salgado”, como eram conhecidos, se revezavam entre advogados, médicos e donos de cartórios. A excelente situação financeira da família criava normas próprias, usualmente repassadas aos habitantes. Assim Os Salgado tinham poucos amigos, vários inimigos e aqueles que estão sempre por perto em busca de vantagens.

- Dona Vilma Salgado...

- Padre Raul. Como sempre pontual. Sua bênção.

O sacerdote estende a mão à elegante senhora e olha a fachada da imponente residência. Enormes janelas de madeira, pintadas no tom azul, desfilavam sua beleza por mais de 20 cômodos até o fim da rua.

- Entre, padre.

O convidado dá um passo, deixando para trás o bem cuidado jardim coberto de grama e belos canteiros floridos. Após vencer os degraus da entrada, alcança uma sala de visitas decorada com muito requinte. No local um luxuoso sofá se destacava, rodeado de poltronas, abajures e uma bonita mesa de centro. Vários tapetes colocados em lugares estratégicos forravam o assoalho de tábuas, e as paredes exibiam quadros com fotos da família. Tudo extremamente limpo.

- Vamos ao escritório. Lá ficaremos mais à vontade – acrescenta a mulher.

O homem senta-se frente a uma mesa e seus olhos acompanham ansiosamente a dona da casa preencher e ofertar a ele uma folha de cheque.

- Aqui está a nossa contribuição para a festa da igreja.

O padre estende a mão segurando o papel. Antes de soltar, a mulher faz um alerta:

- Espero que este ano a quermesse seja bem melhor. Quando chegar a hora, quero fazer algumas mudanças.

- Perfeitamente, dona Vilma. Suas sugestões serão muito bem aceitas.

- O valor, como pode ver, é maior que do ano passado. Dá e sobra!

- A igreja agradece. E Deus sabe reconhecer os corações puros e benevolentes como o da senhora.

Após um sorriso, a mulher aciona duas vezes um pequeno sino colocado no canto direito da mesa. No mesmo instante, a porta se abre deixando aparecer a figura de uma moça.

- Maria, traga o chá que o padre gosta. E rápido!

A moça, de apenas 14 anos, cerra a porta e se volta para cumprir a tarefa. Pelos corredores, seus cabelos presos por uma fita balançam no ritmo dos apressados passos. Em instantes, o chá é servido junto a uma novidade.

- Dona Vilma, eles chegaram...

Na saída, após despedir-se da dona da casa, o padre se depara com um homem e uma menina esperando na porta. Segurando o chapéu na altura do peito, o recém-chegado meneia a cabeça em sinal de respeito.

- A bênção do padre Raul, Theolina.

A menina se adianta, segurando à frente sua mala com as duas mãos. O sacerdote faz o sinal da cruz em sua direção e sai. Em seguida, as atenções se voltam para a altiva senhora no topo da escadaria.

- A menina será muito bem cuidada aqui, seu Francisco Deodato. Pode ficar tranquilo.

A despedida é rápida, sem mesmo um pequeno abraço, mas muito triste.

- Você sabe que isso é pro seu bem, né filha? Fica com Deus.

O chapéu é recolocado na cabeça e o amargurado homem se afasta. Neste momento, o coração de Theolina bate mais forte e apressado. Ela estava sozinha e essa constatação faz corar o seu rosto. Com muito esforço, o choro é contido e seus olhos se levantam em direção à mulher que, a partir daquele instante, devia obediência. Uma voz autoritária lhe dá a primeira ordem:

- Agora, já pra dentro! Tem muita coisa pra senhorita aprender aqui.

Incertos passos vencem os degraus e Theolina adentra o local, acompanhada pelo olhar opressor da mulher. De cabeça baixa, é levada a um pequeno quarto nos porões da residência onde se localizavam as dependências dos criados.

- Esta é Maria. Ela vai te ensinar tudo o que é preciso, inclusive quais são as regras da casa.

Duas camas e um pequeno armário escoravam-se nas paredes do lugar mal arejado e cheirando a mofo, demonstrando o descaso oferecido àqueles que viviam à disposição da família. A janela não abria; era mantida presa por uma corrente e um cadeado. Maria tinha a pele clara e lisa, cabelos fartos caindo nos ombros. Era ainda muito jovem, mas seu corpo formado parecia lhe dar alguns anos a mais. Bela, porém malcuidada, trazia consigo um triste e vago olhar. A moça recebe sua companheira de quarto com muito carinho.

- Senta aqui na cama.

A menina senta, ainda segurando sua mala, e deixa correr pelo rosto duas lágrimas contidas há bastante tempo.

- Num chora não. Eu vou cuidar docê, tá? Vou te ensinar tudinho o que precisa saber. O que pode e o que num pode fazer também.

Theolina esboça um pequeno sorriso diante da atenção recebida, mas a voz ainda estava presa pelo enorme desalento.

- Você tá com fome?

Um leve aceno na cabeça responde à pergunta.

- Vou te mostrar uma coisa...

Maria sobe na soleira da janela fechada e alcança um espaço vago na madeira que sustenta o telhado.

- Este é o meu esconderijo secreto. Eu guardo tudo o que a bruxa não pode ver aqui.

De lá retira uma pequena caixa de madeira que deposita sobre a cama. Voltando-se para a menina, pergunta:

- Como é mesmo seu nome?

- Theolina...

- Theo, vai ser Theo, é mais fácil.

A caixa se abre deixando aparecer, entre outras coisas, um rosário, uma chave e uma maçã. A fruta é estendida com as duas mãos.

- Toma. Eu roubei lá na cozinha ontem à noite.

Com a mala ainda no colo, Theo – conforme sugeriu Maria – pega a maçã e leva imediatamente à boca, observada pela colega. A grande melancolia que emana de seu rosto empalidece um pouco mais o velho reboco daquelas quatro paredes.

- Num fica assim não – insiste Maria – Ocê vai se acostumar. Aqui nem tudo é ruim, tá? Deixa eu guardar suas coisinhas.

A mala é colocada num espaço vago do armário junto a um pequeno vidro.

- Ocê tá vendo isso aqui? É veneno de rato. Toma cuidado, viu?

A cabeça balança positivamente.

- Ocê sabe ler?

Um novo aceno...

- Mesmo? – Maria remexe numa pilha de revistas usadas, estendendo uma à menina – Ensina pra mim?

Depois de uma pausa, completa:

- A bruxa nunca me deixou estudar.

Quase ao mesmo instante, o pai de Theo chega a uma venda onde costumeiramente bebe uma dose de pinga. Detrás do balcão, o dono do local, que pesava alguns alimentos, interrompe sua tarefa para atender o cliente.

- Dá uma aí, seu Juca – disse o homem, estendendo a mão direita, separando em alguns centímetros os dedos polegar e indicador.

Uma garrafa é retirada da prateleira e um pequeno copo, colocado sobre o balcão. Enquanto a bebida é servida, o vendeiro comenta:

- Não pude deixar de ver o seu ar de preocupação, seu Francisco. O que aflige o amigo?

A pergunta é formulada mais por respeito, já que ali na venda sabe-se praticamente tudo de todos.

- É a vida, seu Juca, é a vida.

A pinga é tomada de uma vez. O homem, demonstrando não estar disposto à conversa naquele momento, se volta para a saída, segurando-se ao chapéu. Uma nova pergunta o retém por mais um instante:

- O senhor tem mesmo certeza de que quer deixar a menina lá, seu Francisco?

Um olhar incerto num rosto resignado responde pelo homem.

- Passar bem, seu Juca.

O vendeiro abaixa a cabeça, dá um suspiro e guarda em seu peito mais uma centelha de revolta que, junto às outras, vive queimando seu coração. Não consegue conceber o estranho costume da família Salgado de adotar crianças, notadamente meninas, para servirem como empregadas na casa. Ainda mais conhecendo a austeridade de Vilma e o caráter corrompido de Mauro Salgado, seu esposo, o “Coronel da Cidade”. Juca é um comerciante de origem humilde, criado na vida dura da zona rural. Há algum tempo, conseguiu estabelecer sua venda na cidade. Ali tem quase de tudo, da enxada para a capina ao fumo para o cigarro. Por atender todos da região, fica sabendo primeiro dos acontecimentos e, mesmo com seu ar de bonachão, conquistou a simpatia dos poucos habitantes do lugar. É solícito e amigo, ouve desabafo e, às vezes, dá conselhos. A vasta experiência no comércio o credencia a lidar com decepções amorosas, negócios mal feitos, rixas entre compadres e outros casos típicos do local. Tem sempre uma palavra e um sorriso a quem passa por ali, gente humilde como ele, quase sempre atingida pela arrogância das pessoas ricas da cidade. Essa era a sua indignação, o único momento em que lhe parecia escapar a calma e o bom humor adquiridos em seus cinquenta anos de vida.

- Zé Mário, cuida aí do serviço que vou dar uma volta.

Passam os dias. E todos eles serviram para Theo e Maria se tornarem grandes amigas. Juntas faziam todo o serviço da casa. Varriam o chão, limpavam móveis, passavam roupas, lavavam banheiros e até tratavam de porcos criados em um chiqueiro nos fundos do quintal. Havia apenas mais dois serventes. Adélia que preparava as refeições, e Manoel para a jardinagem. Maria ensinava o trabalho à menina, ressaltando como Vilma gostava, pois cada etapa concluída era inspecionada rigorosamente por ela. Falhas não eram toleradas; mesmo pequenas se revelavam motivo de punição. Além de tapas e puxões de cabelos, a mulher sentia prazer em usar um costureiro chicote que exibia pendurado à parede. Batia nas costas e nas nádegas para não deixar marcas fáceis de serem notadas por alguma eventual visita. Maria era a que mais apanhava. Considerada a responsável pelas tarefas, era constantemente submetida a longas surras. Suas costas estavam sempre marcadas pelo açoite das correias. Nesses difíceis momentos, ouvindo os gritos de dor da amiga, Theo agachava-se em seu quarto, tapando os ouvidos, torcendo para aquela tortura acabar. Depois tentava em vão consolar Maria que tinha constantes crises de choro.

Passam as semanas. Apesar dos sofrimentos, as jovens criadas arranjavam alguma maneira de se divertirem. Quando Vilma saía, ligavam o rádio para ouvir, e até dançar, as músicas de sucesso da época. Elvis Presley era o ídolo preferido. Além disso, guardavam velhas revistas de fotonovelas e liam à noite, admirando aquele mundo fantasioso do qual estavam tão distantes. Somente uma vela iluminava o pequeno quarto. Assim elas adentravam a noite, suspirando com aqueles casos de amor e sonhando com seus príncipes encantados. Theo desenvolveu certo talento para a costura, pois as roupas que tinham eram aquelas já usadas por alguém da família e necessitavam sempre de alguns ajustes. A menina fazia belos arranjos nas peças, e Maria se deleitava fingindo ser uma madame enquanto a amiga lhe tirava as

medidas do corpo com um cordão. As breves saídas às ruas, para entregar algum envelope do cartório de Vilma a alguém da cidade ou fazer pequenas compras na venda de seu Juca, também lhes traziam alegria. Olhavam as pessoas que passavam, os automóveis, as vitrinas das lojas... Pena que poucas vezes saíam juntas; uma delas quase sempre ficava cuidando da casa. E o retorno era sempre rápido, já que os atrasos também eram punidos com violência.

Passam os meses. Para Maria, a presença de Theo naquela casa passou a ter muita importância. Sua companhia, sua atenção atenuavam todo tipo de sofrimento, até mesmo os assédios constantes do esposo de Vilma. Mauro Salgado tinha um ar imponente, cabelo engomado e bigode fino. Aproveitava a vida, usufruindo do dinheiro da mulher. Sempre bem alinhado em seus ternos de linho importado, desfilava pela cidade um ar superior. Era o freguês mais assíduo e abastado da Casa da Rita, o bordel da cidade. Ali bebia cachaça, jogava baralho e tinha preferência na escolha das mulheres. Em casa, no entanto, enfrentava problemas. Não se entendia com a esposa que lhe cobrava maior responsabilidade. Após cada discussão, apossava-se do chapéu e do cachimbo e saía para as ruas resmungando sua contrariedade. Maria era apenas mais um de seus brinquedos. Sempre que tinha oportunidade, na ausência de Vilma, molestava a moça que, indefesa, nada podia fazer. E a vergonha de alguém saber fazia a coitada manter o caso escondido. Apesar de sua pouca idade, Theo entendia o que estava acontecendo. Certo dia, enquanto varria o enorme terreiro, vê Mauro se deslocar para um dos quartos da casa que estava sendo arrumado por Maria. A menina abandona por um instante a tarefa e se aproxima sorrateiramente, postando-se próximo à janela, de onde pôde ouvir o diálogo inicial e sentir o desespero da amiga.

- Vem cá, mocinha. Não adianta se esquivar.

- Por favor, seu Mauro. Não faz mais isso comigo...

Depois de algum tempo, após o homem sair, Maria aparece com os cabelos desarrumados, cabeça baixa e chorando em silêncio. Theo corre até ela, tentando confortá-la.

- Theo, nunca, nunca mesmo deixe o seu Mauro chegar perto de você. Aquele homem é um monstro. Ele faz coisas ruins. Prometa que nunca vai deixar ele te tocar.

E choram juntas mais uma vez, única maneira que tinham para suportar toda aquela angústia, ferida que dói mais que chibata.

Passam os anos. Para as duas criadas, as dificuldades naquela casa perduraram por todo esse tempo. A beleza juvenil de Theo, agora com 13 anos, era sempre apagada pela constante tristeza do rosto. Havia uma teimosa saudade de seu pai que pouco vinha lhe ver, saudade de sua vida simples, mas longe de tantas obrigações. Em seu quarto, nesses momentos difíceis, às vezes encontrava alguém para desabafar.

- Mamãe, que bom ver a senhora!

A menina senta-se na cama.

- Não achei que ia ser tão difícil assim. Dona Vilma vive me batendo, já apanhei até de chicote. E o seu Mauro fica me olhando quando eu vou servir o café. Eu tô

muito preocupada. Se não fosse a senhora... a senhora e a Maria que é tão boa comigo.

Depois de mais uma pausa, como se esperasse uma resposta ou um comentário, sua voz se faz ouvir mais uma vez:

- É, mamãe, eu queria tanto que a senhora tirasse a gente daqui.

Essa última frase é ouvida por sua amiga que chega, após entregar uma lista de compras na venda.

- Você tá falando com sua mãe?

- Tô – confirma a constrangida menina, balançando a cabeça.

- Uai, mas ela não tá aqui.

- Ela tava. Agora foi embora.

Sem entender o que acontecia, Maria senta-se na cama abraçando a amiga, que começa a chorar.

- Minha mãe morreu, eu era pequena. Mas não se esqueceu de mim até hoje, sempre que pode, vem me ver. Se ela fosse viva, não me deixava aqui, eu sei.

- Não chora. Você não vai ficar aqui pra sempre.

- É, mamãe prometeu me levar embora. Prometeu levar nós duas...

Depois de mais algumas lágrimas se perderem na colcha de retalhos que cobre a cama, Maria diz:

- Agora deixa de choro. Tenho uma coisa pra te contar. Uma coisa boa.

- É?

- É sim. Sabe aquele rapaz que ajuda seu Juca lá na venda? O Zé Mário?

- Sei. Já vi ele lá.

- Pois é, ele falou que gosta de mim. Me deu até um bilhete. Olha aqui.

O papel é aberto, revelando um coração desenhado junto a algumas palavras amorosas.

A tristeza se transforma em alegria. As duas se divertem, relendo por várias vezes o pedaço de papel.

- E você gosta dele?

- Gosto. Ele é um rapaz muito bonito. É uma pena que nós se vê tão pouco.

Theo sorri, encontrando a solução para o problema.

- Mas agora vocês dois pode se encontrar mais.

- Como, Theo? Eu quase não saio.

- Então, a partir de hoje só você que sai. Eu fico aqui.

- Num posso deixar – discorda a moça – assim você fica muito presa.

- Num tem problema. Eu vejo a rua por cima do muro, nos fundos da casa, quando eu for tratar dos porcos.

Maria sorri, abraçando a amiga.

- Você é a melhor pessoa do mundo. Um dia vai encontrar um rapaz que te ama também e vai ser muito feliz. Você vai ver.

Em sua venda, Juca recebe as pessoas com o sorriso de sempre. Seu jeito simples de ser conquistava os fregueses. Alguns apareciam por ali pelas mercadorias; outros, por uma boa conversa.

- Bom dia, seu Petrônio. Andando cedo...

- Bom dia, seu Juca. Como se diz, é de manhã cedo que se levanta – responde o homem moreno, ainda jovem, boa estatura e barba bem feita.

- Vai uma “talagada”?

- Só uma. Tenho que cuidar da obrigação – o recém-chegado coloca o chapéu sobre o balcão, passando, em seguida, a mão pelos cabelos.

- Parece hoje mais animado, se não me engano...

- Boas notícias, seu Juca, boas notícias.

Aproximando-se do vendeiro, como se evitasse repartir a boa nova com outras pessoas, sussurra:

- Chegaram duas novas donzelas na Casa da Rita. Dizem ser coisa boa. Não vou perder.

- Sua alegria tem uma justa razão, seu Petrônio. E o senhor disse duas...

- Entendeu bem minha mensagem, companheiro.

- Então farei tudo para estar lá também.

Um forte aperto de mão é trocado e o eufórico homem sai, pegando seu chapéu. Juca ainda sorria quando o ajudante Zé Mário chega para um novo dia de trabalho. O rapaz alto e magro, de cabelos lisos, exibia uma rala barba na ponta do queixo.

- Bom dia, seu Juca.

- Dia, Zé Mário. Parece que hoje demorou mais a amanhecer por lá...

- É, tava dormindo até agorinha. E sonhando.

O vendeiro sorri maliciosamente.

- Eu acho que você tava sonhando, mas era acordado.

- Mas... como assim?

- Sonhando acordado, uai. Com aquela mocinha lá dos Salgado. Eu vi ontem, quando ela veio aqui.

Constrangido, o rapaz se explica.

- Mas eu só peguei nas mãos dela...

Com a amabilidade guardada em seu coração, própria para ser usada nessas ocasiões, Juca toca com as duas mãos os ombros do rapaz.

- Não deve se desculpar, meu filho, e nem sentir vergonha do seu sentimento. Bom mesmo seria se só o amor ocupasse as nossas mentes e ordenasse nossas ações.

Zé Mário sorri, ainda envergonhado.

- Obrigado, seu Juca, mas é melhor a gente trabalhar. Esse assunto me deixa meio encabulado. Por onde começo?

- Então liga logo esse rádio. Quero ouvir o Repórter Esso.

O conhecido noticiário radiofônico da época logo exhibe sua vinheta característica, reportando as últimas notícias.

- “E atenção, muita atenção! Aqui fala o seu Repórter Esso, testemunha ocular da história. O presidente do País, Juscelino Kubitschek de Oliveira se desloca mais uma vez ao Planalto Central para acompanhar de perto a construção da nova capital brasileira...”

Enquanto isso, na imponente residência dos Salgado, uma rotineira visita aparece: Don’Ana, a amiga de Vilma, que sempre lhe traz os mais recentes acontecimentos da cidade. A mulher se vestia de forma atraente, exibindo o corpo em um vestido vermelho na altura dos joelhos. O fino chapéu, o sapato de salto alto, o xale, colares e anéis completavam o traje. Por ainda não ter se casado e ultrapassado a marca dos trinta anos, ocupava-se dos descuidos e, principalmente, das infidelidades da vida alheia. A beata passa por Maria, que lhe abre a porta, dirigindo à criada o costumeiro olhar de desprezo. No alto da escada, a dona da casa já esperava por ela.

- Querida Don’Ana. Seja bem-vinda. Linda, como sempre.

- Obrigada. Bondade sua.

- Parece que chegou mais cedo que o combinado, se não me engano.

Como se esperasse a pergunta, a mulher responde:

- Acho que a ocasião apressou os meus passos. Mas você está muito bem com esse cachecol.

- Obrigada, amiga. Vamos logo para a sala. Quero saber das novidades.

No mesmo instante, Maria corre à cozinha.

- Licença, Adélia, tenho que fazer o chá. A beata chegou.

- Não precisa correr, Maria. Já pus a água no fogo.

- Obrigada – a moça agradece a cozinheira – Ocê sabe, a bruxa me mata se o chá demora.

- Ocê tem que tomar cuidado é com seu jeito de falar. Se ela saber que ocê chama ela assim...

- Cruz credo, Adélia. Eu só falo aqui na cozinha junto docê e com a Theo. Nem quero pensar.

Na sala de visitas, as duas mulheres se acomodam nas poltronas e iniciam o diálogo.

- Pois é, dona Vilma, a cidade está fervendo.

- Retire o “dona”. Entre nós não é preciso formalidades.

- Obrigada, Vilma. Eu dizia que duas notícias mexeram com nossa cidade ontem à noite.

- Uma é sobre a Tereza, imagino.

- Isso mesmo. Aquela sirigaita, da qual lhe falei. Antes eu desconfiava, agora tenho certeza. E todo mundo está sabendo.

- Mas diga logo, mulher. Deixe de rodeios.

- Ela, imagine só, foi vista descendo da cabine de um caminhão, já com o avançar das horas, perto de sua casa.

- Um caminhão? Então o amante do qual você desconfiava é um caminhoneiro!

- Isso mesmo. Já foi visto na região outras vezes. Um FNM daqueles cara chata.

- Mas, e o marido, o tal Gabriel?

- O coitado foi ver o gado lá na fazenda. A sem-vergonha sabe como fazer.
- Mas isso vai dar problema.
- É o que todos andam dizendo. Quando o marido chegar, vai ficar sabendo.

Tem muitos fofoqueiros por aí.

- Sem dúvida. E o amante?
- Foi embora ontem mesmo, mas vai voltar. Não se sabe quando.
- Certamente que vai.
- No entanto, Vilma, o caso esquenta hoje mesmo. Dizem as más línguas que esse Gabriel é violento. No mínimo a traidora vai levar uma sova.

- E você não se esquecerá de mim.

- Claro que não. Venho te contar.

- E a outra notícia? Estou curiosa.

- Também está mexendo com o pessoal, principalmente com os homens...

- Mas por que só os homens?

- É que lá na Casa da Rita...

Nesse momento, a porta se abre.

- Com licença, dona Vilma.

- Ah, o chá. Sirva logo, menina.

A criada se apressa e deposita uma bandeja sobre a mesa do centro. Um cesto de biscoitos e algumas frutas acompanhavam o chá, que foi servido.

- Mais alguma coisa, dona Vilma?

- Não, não. Pode ir, anda!

Quando Maria sai, a visita abre um malicioso sorriso.

- Tenho também um assunto dessa moça para desenrolar com você...

A dona da casa se surpreende.

- De Maria? Mas o quê?

- Mas, e as mulheres da Casa da Rita?

- Já você me fala delas. O novo assunto me interessou. O que está acontecendo?

- Não é um fato. É uma suspeita. Você sabe que eu tenho faro para essas coisas.

- Isso é uma verdade, mas vamos lá. O que tem a Maria?

A mulher molha a ponta de um biscoito na chávena de chá e leva à boca.

- Sei que isso não consta no livro de etiquetas, mas não pude resistir.

- Não tem importância. Estamos sós aqui. E aí?

- Ela, a sua criada, está de caso com o funcionário do seu Juca lá da venda.

Vilma arregala os olhos.

- Não é uma afirmação – emenda a mulher – Eu desconfio que haja alguma coisa entre os dois, porque esses dias quando entrei na venda, mais para saber das novidades, o rapaz estava de fora do balcão.

- Mas, só isso?

- Não, não é só. Eles pareciam mais pertos um do outro que o normal e ficaram sem graça quando entrei. O rapaz até avermelhou a bochecha. E é um rapazinho alinhado, aquele Zé Mário.

- Eu, na verdade, não conheço. Não vou à venda. Maria que leva a lista de compras, ou corre pra buscar algo com urgência.

- Pois é. É bom ficar de olho na mocinha.

Vilma alisa com os dedos as pontas do cabelo e pensa alto:

- Então eu não estava errada quando me pareceu que ela demorou um pouco da última vez que saiu...

E decididamente se volta para a amiga.

- Eu quero que você cuide disso pessoalmente, Don'Ana. Fique de olho, vá mais vezes à venda e me conte tudo que vir. Se isso for verdade...

A convidada ainda permanece na casa por mais um bom tempo. Vilma espera sua saída, a passagem do almoço e boa parte da tarde para não despertar suspeitas sobre a visita de Don'Ana, depois manda chamar Maria em seu escritório.

- No escritório, Theo?

- É isso mesmo. Será algum problema?

- Só pode ser. Quando a bruxa me chama lá é porque a coisa num tá boa.

A moça deixa as roupas que lavava, retira o avental e sobe as escadas. Quando abre a porta, encontra Vilma de costas em pé junto à mesa. A mulher se vira revelando o conhecido chicote, batendo-o levemente na mão esquerda.

- O que foi, dona Vilma?

- E você ainda me pergunta o que foi? Feche a porta, sua vagabunda!

- Mas o que foi que eu fiz?

- Até agora nada, mas atrasou muito na última vez que te mandei sair. E eu não suporto atrasos.

- Mas eu fui na venda e também no...

- Não aceito desculpas. E as pessoas que não têm vergonha só aprendem assim.

O chicote é levantado e castiga violentamente a moça. As correias deixavam impiedosas marcas na pele sensível de Maria que tentava suportar calada a surra, mas logo as sucessivas chicotadas espalharam pela casa os seus gritos de dor. Próximo ao local, Theo esperava aflita o final daquela tortura. O açoite parecia atingir suas costas, e os gemidos da amiga também eram seus. Havia momentos que o silêncio reinava e esse era o pior castigo para a menina. Sabia ela que a maldosa patroa tapava a boca e o nariz da pobre criada para evitar o choro. Era um alívio para Theo quando a amiga voltava a respirar. O castigo foi mais longo e mais cruel desta vez. Vilma extravasava sua revolta só de pensar que poderia perder a criada, havendo possibilidade de namoro nessa história. Finalmente a porta é aberta e a pobre moça caminha com dificuldade para fora, logo amparada pela amiga. Maria desce lentamente cada degrau da escada que conduzia aos aposentos dos empregados. Chorava baixinho castigada pelas dores. Chegando ao quarto, senta-se na cama enquanto Theo vai à cozinha preparar uma salmoura para passar em suas feridas. Em poucos minutos, a menina estava de volta com uma lavadeira e um pano branco nas mãos. Maria desabotoa o vestido deixando aparecer inúmeras manchas vermelhas nas costas. A moça gemia e se contorcia quando a água quente com sal escorria sobre as feridas.

- Num chora, Maria. Logo vai melhorar.
- Por que ela fez isso tudo comigo? Eu não demorei tanto assim.
- Quem sabe o tempo passou e ocê num viu, lá junto do Zé Mario...
- Será que ela desconfia? Não é possível. Ele só pegou nas minhas mãos. E

ninguém viu.

Theo deixa cair um pouco mais do costumeiro remédio, único alívio de dor que havia para elas, nas costas da moça. Em seguida, abre o pano molhado e estende sobre as feridas maiores.

- Eu vou colocar uma coisa procê.

A menina se dirige ao armário, voltando com sua caixinha de música. Dá corda e abre a tampa deixando aparecer uma pequena bailarina que dança ao som de uma linda canção.

- É procê ficar mais alegre.

A música para por instante e a menina dá dois leves toques na caixa.

- Ela é de lua, às vezes funciona, às vezes não. Tem hora que até toca sozinha.

Com a dedicação da amiga, Maria sorri.

- Eu não sei o que ia ser de mim sem ocê, Theo. Foi Deus quem te mandou pra cá.

Em seguida observa por um tempo a boneca rodopiando-se sobre a caixa de música.

- O que foi, Maria?

Com os olhos ainda presos em seus pensamentos, responde:

- Sabe, Theo, eu queria ser bailarina, igual essa bonequinha aí. Ia me vestir assim, do mesmo jeitinho. Ia ficar bonita.

- Claro que ia. Ocê é muito bonita. Ainda vai sair daqui, estudar e ser bailarina.

- E ocê? O que queria ser?

- Aeromoça. Eu queria ser aeromoça. Elas são tudo bonita. Viaja de avião pra todos os lados.

- Deve ser muito chique esse trem de avião, né?

- Mas eu também gosto de costurar, e vou fazer o vestido mais lindo que ocê já viu pro seu casamento.

A casa, edificada no fim da cidade, era rústica, mas a frente alta com duas grandes janelas em tom vermelho chamava a atenção de todos que passavam por ali. E, naquela noite, a Casa da Rita despertava mais o interesse. Eram duas as novidades e, mesmo cedo, o salão que antecedia os quartos estava lotado. O local tinha um longo balcão à frente de uma prateleira de bebidas, dois sofás escorados nas paredes e algumas mesas espalhadas pelo centro. Numa delas, Juca e Petrônio observavam as mulheres que apareciam aos poucos e se escoravam no balcão. As roupas exibidas eram escassas e provocantes.

- A coisa hoje tá boa, hein?
- É verdade. E o principal ainda não apareceu.
- Por falar em aparecer, olha só quem chegou ali. Ele não ia faltar.

Afastando a cortina que caía sobre a entrada, surge Mauro Salgado, exibindo seu terno azul-marinho e o habitual cachimbo. Ao entrar, uma das mulheres se aproxima, abraçando-o. O homem afasta-a maliciosamente.

- Não tenha pressa, beleza. Primeiro quero jogar baralho e prozear com os amigos.

E depois de mais alguns passos...

- Posso sentar-me, senhores?
- Fique à vontade, seu Salgado – responde Juca.
- Obrigado. Como vai, seu Petrônio?
- Bem, até agora.

O homem finge não entender o desagrado.

- Muito bem. Hoje quero jogar. Vamos convidar mais um parceiro?
- Eu cedo o meu lugar – diz Petrônio.
- O que foi? Está desbastado, sem dinheiro?
- O caso não é esse. Meu interesse hoje é outro.
- Estou entendendo. Então estamos precisando de mais dois parceiros.

O rapaz se levanta, acomodando-se no sofá ao lado. Mauro sorri.

- Na falta do dinheiro, o jeito é “sapear”.

Dois outros senhores se interessam e o jogo começa. A aposta inicia baixa como de costume.

- Acho que vocês escolheram mal os parceiros. Eu jogo tão bem quanto o Pelé – caçoa um dos convidados.

- E quem é Pelé? – pergunta Mauro.
- É o novo craque da seleção. Está arrebatando na Copa. O senhor não está sabendo?

- Parece que ouvi algo a respeito.
- Ele só tem 17 anos – completa Juca.

O jogo prossegue animado por um bom tempo. Num certo momento, a música é abaixada e a dona do bordel bate duas leves palmas.

- Meus senhores! Quero agradecer a presença de todos e apresentar, com satisfação, duas novas colegas que chegaram da Capital. Rebeca e Soraia.

Os olhares se voltam para o corredor que dá acesso aos quartos. As meretrizes se aproximam, exibindo doces sorrisos e os corpos seminus. Após uma salva de palmas dos entusiastas frequentadores, a mulher completa:

- A chegada dessas belas meninas merece uma rodada de bebidas, os senhores não acham?

Os homens se levantam e se aproximam do balcão, bebendo uma dose de uísque e cumprimentando as recém-chegadas. Petrônio aproxima-se, demonstrando interesse por uma delas. A música havia reiniciado e o rapaz esboça passos de dança com a mulher em seus braços. Nesse instante, certa mão toca seu ombro direito, afastando-o para o lado. Era Mauro que, acostumado a mandar pela cidade,

demonstrava ali, mais uma vez, a força de sua arrogância e do seu dinheiro. Petrônio fica sem ação por um momento, depois caminha em direção ao homem que se afastava com a mulher, sendo contido imediatamente por Juca.

- É melhor pensar direito, meu amigo.

- Mas não posso aceitar essa prepotência. Ele pensa que pode tudo por aqui.

- Fique calmo. Haverá outras oportunidades.

Rita, a dona da casa, oferece a ele uma dose de bebida.

- Cabeça fria, menino. Manda quem pode, obedece quem tem juízo.

O dia seguinte, em alguns casos, é companheiro da paz, cúmplice da ordem natural do cotidiano. Petrônio se esquece um pouco da noite anterior e vai cuidar da vida. Em outros casos, o dia seguinte é calor da terra que aciona o vulcão, fazendo correr as lavas ladeira abaixo. Mauro havia se levantado e estava sentado no sofá, quando Vilma encontra marcas de batom em sua camisa ao recolher algumas peças de roupas para a criada lavar. Imediatamente vai à sala com a veste nas mãos. O homem acabava de acender seu cachimbo.

- Pode me explicar o que é isto?

- Ora, Vilma, não me amole. Estou com uma dor de cabeça danada!

- Ah, claro que está. Vive bebendo por aí, está sempre de ressaca. E essas marcas de batom demonstram por onde você andou. Também estou sabendo das novas aquisições da Casa da Rita, viu?

Mauro pega, sobre a mesinha, o costumeiro copo de uísque e toma um gole.

- Você anda sempre bem informada né, mulher? Aquela beata da Don'Ana te deixa mesmo por dentro das novidades.

- Então você confessa? Por isso chegou tarde ontem à noite.

- Eu não confesso nada. Estava jogando baralho, só isso.

- Jogando, jogando, é só o que sabe fazer. Um bom "vivant" que se diverte às minhas custas, à custa do dinheiro do meu pai.

- O dinheiro não é só seu, eu sou seu marido.

- Um marido imprestável, isso sim. E vai abertamente nesse prostíbulo, sem se importar comigo, com o nome da família. Não sei como ainda não tomei uma providência – diz a mulher, jogando a camisa ao chão.

Mauro se irrita e aponta o dedo indicador em direção à esposa.

- Cala essa sua boca! Você acha que é fácil tolerar essas suas esquisitices?

- Seu imprestável!

O homem coloca o copo sobre a mesa e se levanta.

- O que você está querendo, hein? Se tornar uma largada? Uma mulher abandonada? Não, Vilma, você não é dessas. Você é uma mulher conservadora, prefere me aturar a ter que ficar na boca do povo.

E, aproximando-se um pouco mais, provoca:

- Quem é o imprestável aqui, hã?

Vilma reage imediatamente, desferindo um tapa no rosto do marido.

- Eu tenho nojo de você!

Mauro se recompõe aos poucos, fitando longamente a mulher. Depois balança a cabeça, põe o cachimbo na boca, veste o paletó, coloca o chapéu e sai, ouvindo os gritos da mulher.

- Vai, vai para as suas vagabundas, seu traste. Theolina, vem aqui, Theolina!

A menina estava passando roupas e imediatamente deixa o pesado ferro a brasa e corre para atender a patroa.

- Por que demorou tanto?

- Eu tava passando roupa lá embaixo.

- Aquela inútil da Maria ainda está amuada no quarto?

- Tá. As costas dói muito.

- Tudo bem. Vá ao escritório levar esse envelope pra mim. Ah, e passe na venda pra trazer...

Depois de ouvir as ordens, a menina volta ao quarto onde passava as roupas e tem uma enorme surpresa. Na pressa de atender ao chamado, havia deixado uma calça branca de linho próxima ao ferro. Uma fagulha caíra, causando uma mancha no tecido. Theo se desespera. Corre com a calça até o tanque, tentando remover o carvão, mas é inútil. Dobra a calça e coloca debaixo das outras para ninguém ver. Precisava cumprir as ordens da patroa e deixa o problema para resolver depois. Após cumprir a primeira parte da tarefa, chega à venda. Juca atendia um freguês.

- Este é do bão, seu Geraldo. Eu garanto. É o melhor fumo da região. Veja só que cheiro!

Ao ver a menina, grita pelo ajudante que organizava as mercadorias no depósito ao lado.

- Zé Mário, tem freguês.

O rapaz aparece limpando as mãos nas calças. Quando vê Theo, corre até ao balcão, falando baixinho.

- Cadê a Maria? Por que ela num veio?

- Ela tá muito mal. Não pôde vir. Dona Vilma bateu muito nela.

- Mas, por quê?

- Só porque ela atrasou o dia que veio aqui.

O rapaz suspira e diz, abaixando a cabeça.

- Foi culpa minha. Eu fiz ela demorar.

E, depois de uma pausa...

- Fala pra ela vim me ver quando der certo. Fala que eu tô com saudade.

- Tá bão, eu falo.

- E ocê, o quer levar?

Chegando em casa, Theo corre até à pilha de roupas que passava. A calça estava lá. Por sorte, ninguém havia mexido. Após terminar o serviço, dirige-se ao seu quarto, levando a peça de roupa. Maria estava deitada de bruços em sua cama, ainda abatida pela surra que levava.

- Levanta, Maria. Tenho um recado procê.

- Um recado? De quem?

- Do Zé Mário.

A moça se ergue apressadamente, sentando-se na cama.

- Então fala, uai!
- Ele disse que quer te ver de novo. Falou procê ir lá.
- É? E que mais?
- Falou que tá com saudade.

Um largo sorriso surge no rosto de Maria. Saudade é a maneira mais simples e mais verdadeira de dizer que se ama alguém. A moça sabia disso.

- Ele tá com saudade... – fala olhando para a parede, mas vendo outro mundo lá fora – eu também tô.

Theo sorria, parecendo sentir aquele momento de satisfação da amiga.

- Mas o que tá fazendo com essa calça nas mãos? – pergunta Maria.

A menina explica o caso.

- Eu tô morrendo de medo da dona Vilma saber. Me ajuda, Maria.

- Acho que tem um jeito – disse a moça – Vamos esconder a calça debaixo da cama. Vou pegar um saco pra pôr ela. Se a bruxa não der falta, ocê tá livre da surra.

Alguns dias se passaram. Maria havia se recuperado e voltara aos serviços normais da casa. No entanto, não havia surgido a necessidade de se ir à venda. A moça esperava ansiosamente para rever seu amado, pois a saudade tem o bobo costume de apertar o peito de quem ama, e ela também sabia disso. Numa tarde, Vilma resolve ir à igreja à procura do padre Raul para falarem a respeito da quermesse, já que a festa se aproximava. Maria aproveita a oportunidade para ver Zé Mário. Ela ainda não sabia que o amor faz as pessoas cometer loucuras. A igreja era mais distante e a patroa ia demorar. Chamando Theo ao quarto, conta seu plano.

- Eu vou na venda ver o Zé Mário.

- Ocê ficou doida. A mulher te mata!

- Eu chego antes. Vou sair pelos fundos e ocê fala pros outros que eu tô no quarto. Tive uma recaída.

- E os cachorros? Vão latir.

- Acho que não. Levo comida pra eles.

- Tudo bem. Mas toma cuidado, viu? Se ela te pega, ela te mata.

- Eu sei disso, mas não posso esperar mais. Tá doendo aqui dentro.

Em poucos minutos, a moça estava na esquina da venda. Espera um freguês sair e chega até a porta.

- Seu Juca...

Ao vê-la, o homem abre um largo sorriso.

- Entre, mocinha. Zé Mário já vem pra te atender. Enquanto isso vou lá dentro tomar um copo de água mais fresco.

Maria sorri timidamente, compreendendo a atitude do dono da venda. Em seguida, Zé Mário aparece e pega apressadamente suas mãos.

- Maria, eu tava morrendo de saudade.

- Eu também, Zé, mas num pude vim antes. Ocê me perdoa?

- É claro. Eu sei como que é lá. A mulher não te dá sossego, não é?

- Ela nem sabe que eu vim aqui.

- É, ocê veio...

Os olhares estavam presos, a respiração ofegante. Não foi possível evitar. Um suave beijo foi trocado para desfazer qualquer dúvida sobre a existência do amor entre os dois. Após o beijo, a moça se afasta.

- Nossa! Se alguém viu isso, eu tô perdida.

- Fica calma, ninguém viu. Só o seu Juca sabe e ele não vai contar.

De repente, o rapaz abaixa a cabeça, pensativo.

- O que foi, Zé?

- Eu tive matutando esses dias. A mulher fica te vigiando e ocê nunca vai ser livre pra me ver.

- É... – concorda tristemente Maria.

- Só tem uma maneira de resolver o caso. O jeito é a gente fugir.

- Fugir? Mas como assim?

- Isso mesmo que ocê pensou. Ir pra longe de todo mundo pra viver a nossa vida. Ocê num quer?

- Eu quero, Zé, mas é muito perigoso.

- A gente toma cuidado.

- Tá, depois a gente fala disso, agora eu tenho que voltar.

O rapaz insiste.

- Parece que ocê num gostou da ideia. Se for, pode falar.

- Não, num é isso. Depois eu te falo. Agora tenho mesmo que ir.

Um novo beijo, agora mais rápido, é trocado e a encabulada Maria vai embora. Cobrindo o rosto com as mãos para não ser facilmente reconhecida, chega aos fundos da casa e entra. Theo já estava preocupada com a demora e desabafa.

- Ocê me faz passar cada susto. Eu tava morrendo de medo!

- A bruxa não chegou, não é?

- Não, mas ela foi de carro.

- Tudo bem, tudo bem. Vamos lá pro quarto que eu quero te contar uma coisa.

As duas chegam correndo, empurrando a porta.

- O que foi? Conta logo.

- Ele me beijou, Theo! Duas vez.

- Mesmo?

- “De vera”! O seu Juca saiu e nós ficou sozinho. Eu amo ele, Maria.

Nesse momento, seu semblante entristece. Ela coloca as mãos no rosto enxugando uma lágrima que nascia.

- O que foi, Maria? Aconteceu outra coisa?

- Foi. Ele me chamou pra fugir.

- Fugir? Pra longe? Mas isso é bão, por que ocê ta chorando?

- É que, bem, não sei como te explicar, ocê num vai entender.

- Uai, explica...

- O Zé Mário, ele num sabe do que o seu Mauro já fez comigo. Se ele descobrir que eu num sou mais moça, num vai querer saber de mim. Sabe do que eu tô falando, num sabe? E eu num posso enganar ele.

- Sei, mas ocê num quis. Conta pra ele que o seu Mauro te forçou.

- Mas será que ele vai entender?

- Se ele te ama mesmo, ele vai.

Conviver com o medo é uma tarefa difícil. É um fardo muito pesado para carregar. Theo se esforçava em seu trabalho diário esperando o momento em que Vilma daria falta da calça escondida por ela e por Maria. Sabia que fatalmente iria acontecer.

- Maria, o que eu faço quando ela descobrir?

- Ora, fala que foi eu. Tô acostumada a apanhar mesmo.

- Não, isso não. Ocê ainda tem marcas nas costas.

E o momento chegou. Theo foi chamada ao escritório.

- Está faltando uma calça branca de linho. Você sabe qual, pois passa roupas quase todo dia. Pode procurar, eu quero a roupa agora de manhã aqui em minhas mãos!

A menina correu ao encontro de Maria; talvez ela pudesse ajudar. Da janela avistou-a varrendo o chão em frente a casa. Não, não iria incomodá-la mais uma vez. Não iria adiantar. Foi ao quarto, pegou a calça e entregou à mulher.

- Muito bem. Onde estava? Você sabia, não é?

Theo começa a chorar.

- Você vai chorar muito mais se não me explicar direitinho o que aconteceu.

Com esforço, a menina diz:

- Ela, aquele dia... Ela queimou.

- Queimou? E você escondeu? Deixa ver. Ah, aqui está, uma calça novinha em folha!

O chicote foi retirado da parede. Inúmeras chibatadas foram desferidas nas costas e nas pernas da menina. A mulher parecia possessa e a surra foi violenta. Tapas e pescoções jogavam a pobre vítima ao chão.

- Levanta, levanta para apanhar de novo!

Depois de vários minutos de sofrimento, Theo cai sem forças para se levantar. O chicote é recolocado na parede.

- Maria, vem aqui buscar esse traste!

A moça já se encontrava na porta e entra para ajudar.

- Vamos, Theo, vamos embora.

- Ai, meu braço!

Com esforço, as duas chegam ao quarto. Agora era Maria quem passava salmoura na amiga.

- Ai! Tá doendo muito.

- Deixa eu passar o pano, senão demora a sarar. Nossa! Seu braço tá feio e sua cara também. Aquela bruxa!

- Mas eu queimei a calça...

- Num precisava disso tudo. Sabe, Theo, às vezes fico pensando que Deus esqueceu de nós duas aqui.

- Num diz isso, Maria.

Na tarde do dia seguinte, Theo recebe uma visita. Francisco Deodato, seu pai, esperava na porta da casa para falar com ela. Vilma fez questão de ir pessoalmente chamá-la.

- Seu pai taí. Vá lá fora falar com ele. Vou ficar olhando. Toma cuidado com o que vai dizer, senão depois a gente acerta.

- Mas, e os meus machucados?

- Inventa uma história qualquer. Você não é boa para enganar as pessoas? Vá lá.

Theo chega à porta, cabisbaixa.

- Theolina! Mas o que aconteceu, filha? – diz o homem, tocando-lhe os ombros.

- Eu... caí. Tava correndo e caí.

- Mas, machucou o braço, o rosto...

- Foi só isso, mas já tá melhor.

Um instante de silêncio, e o homem relata o motivo de sua visita.

- Tem muita gente indo pro Norte. É uma fazenda grande. Vou trabalhar uns tempos por lá. Mas um dia eu volto. Eu volto, viu filha?

- Tchau, pai.

Parecia ser aquele um adeus definitivo. Theo olhou seu pai sair e sumir na esquina. Já havia perdido a mãe e agora se sentiu mais sozinha ainda. Agora nem havia mais a esperança do pai tirá-la dali um dia. Sentiu o peito se apertar, talvez igual à saudade de Maria quando demorava ver Zé Mário. Lembrou-se de quando era pequena e sua mãe a carregava no colo no final da tarde apontando para o caminho por onde seu pai chegaria após o serviço. Tanto carinho não poderia se acabar, deveria fazer parte de toda a vida, e na vida de todas as pessoas. Lembrou-se e chorou mais uma vez. Era um pranto amargo, de uma pessoa realmente abandonada, sem viver o presente e sem acreditar no futuro. Sentiu vontade de sair correndo por aquela porta aberta, se atirar pelo mundo passando fome, passando frio, sem ter um teto, uma proteção. Sabia de todos os perigos que havia lá fora, mas qualquer coisa seria melhor que os abusos e a violência daquela casa. No entanto, quando levantou a cabeça, decidida, uma voz a conteve.

- Pode passar pra dentro. Agora você não tem mais ninguém.

A menina entrou e correu até seu quarto. Ao chegar, uma surpresa:

- Mãe, ainda bem que a senhora tá aqui.

Uma interessante discussão se desenrolava na venda de Juca, numa certa tarde. O rádio ligado tocava uma das canções de Elvis Presley, e dois fregueses demonstravam opiniões divergentes sobre o cantor.

- Não sei como os rádios toca música assim. É só baruío.

- É, mas esse baruío tá fazendo o maior sucesso entre os mais novo.

- Uai, num sei que sucesso é esse. O povo jovem num sabe o que quer. Pra começar, a gente num entende nada que ele fala.

- É inglês, seu bocó. Mês passado, meu primo foi na Capital e viu ele na televisão. O cara é boa pinta e dança absurdo.

- Então deixa ele lá nessa tal de televisão. Aqui no nosso rádio de pilha, o bõo mesmo é ouvir Tonico e Tinoco.

Após mais uma dose de pinga, um dos contendores pede a opinião do vendeiro.

- O que o senhor acha, seu Juca?

O homem que preparava um garrafão de aguardente com raízes, para o serviço.

- Olha, gente, eu acho que nesse caso tenho que ficar em cima do muro, coisa que não gosto de fazer.

- Como assim?

- Bem, eu explico. Nós aqui do interior temos que valorizar as coisas nossas. Nosso trabalho, as pessoas, a igreja, as músicas boas do sertão. Só que, ao mesmo tempo, a cabeça tem que tá aberta pras mudanças, pras novidades que aparecem por aí.

- Dá um exemplo, seu Juca.

- Agorinha mesmo no rádio falou de um foguete que tá sendo feito pro homem ir na lua. Talvez no ano que vem...

E uma nova discussão se inicia.

- Taí uma coisa que eu num acredito. O homem nunca vai chegar na lua.

- Mas se o homem já fez esses avião que passa todo dia em riba de nossas cabeças, por que ele num pode ir na lua de foguete?

- Ora, ocê é muito abusado. A lua é de São Jorge. Daqui mesmo ocê vê ele amuntado em seu cavalo...

Juca sorria da discussão quando vê Maria chegar à porta, ao mesmo tempo avistada por Zé Mário que vai ao encontro dela.

- Maria, eu tava doido pra te ver.

- Eu também, Zé. Mas não posso demorar muito. E tem gente.

- Vem aqui detrás da casa.

Um abraço e um beijo antecedem a sequência da conversa.

- Ocê veio buscar alguma coisa?

- Não, eu fugi de novo. A bruxa tá lá na igreja. Num sei o que tanto conversa com o padre fora da missa.

- Fugiu de novo, só pra me ver?

- Foi.

- Ocê gosta mesmo de mim. Então por que não quer fugir comigo?

- Num é isso, Zé.

- Então o que é? Ocê num fala pra mim.

- Bom, eu tenho medo de contar e ocê num gostar mais de mim.

- Meu Deus, fala logo, Maria. Assim ocê me deixa doido.

A encabulada moça busca coragem e as palavras mais adequadas para aquele difícil momento.

- Eu, eu não mereço o seu amor, eu... Eu fui fraca, deixei o seu Mauro fazer aquelas coisas comigo.

- O seu Mauro? Ele mexeu cocê? Ele abusou docê?

- Foi, eu num queria, ele me obrigou. E vive me espiano pela casa.

O rapaz se revolta.

- Homem desgraçado! Eu vou matar ele!
- Não, Zé, num faz isso.
- Ele vai aprender, eu sei onde o seu Juca guarda o revólver dele.

A moça se desespera.

- Não, por favor. Se ocê fizer isso, eles te prende e eu vou ficar sem ocê. Por favor...

Diante daquele pedido, Zé Mário se acalma um pouco.

- Então a gente tem que fugir logo. Num tem outro jeito.
- Ocê ainda quer fugir comigo?
- Agora mais do que nunca. Não posso pensar ocê ficando naquela casa.

Maria se joga nos braços dele.

- Oh, que bão, ocê me perdoou...
- Eu sei que ele te obrigou. Aquele homem é um monstro!

De repente, a moça põe as mãos à cabeça.

- Nossa! O tempo já passou. Tenho que voltar depressa pra casa.
- Eu vou organizar as coisas por aqui e te aviso o dia. Tá bão?
- Tá bão. Vou ficar esperando.

No dia seguinte, Don'Ana faz nova visita à família Salgado. Vilma a recebe com a habitual cortesia.

- Entre, Don'Ana. É sempre muito bem vinda.
- Obrigada. Com licença.

Na aconchegante sala, as duas se acomodam.

- E este sapato, Vilma? Parece ser coisa nova.
- Isso mesmo, querida. Adquiri em minha última viagem. Estava guardando para usá-lo na festa da quermesse, mas não resisti.

- Fez bem, fez muito bem.

O tradicional chá foi servido, dessa vez por Theo. Após a saída da criada, Vilma reinicia a conversa.

- Você me abandonou, amiga. Faz alguns dias, não?
- Eu estava meio atarefada, mas não irá acontecer mais.
- E as novidades? Estou curiosa, principalmente sobre o que lhe pedi...
- A criada? Bem, eu fui algumas vezes à venda, mas não tive sorte. Ademais aquele seu Juca é muito esperto. Não solta nada em minha presença. Deve achar que eu sou uma fofqueira dessas por aí.

- Uma maldade...

- Pois é, nada ouvi do namoro dos dois. Apenas que a moça foi vista saindo ontem de lá.

- Ontem? Maria esteve lá ontem? Tem certeza?

- Certeza, certeza, não. Mas minha fonte é de extrema confiança. Foi na parte da tarde, logo após o almoço e a sesta.

- Ah, safada! Aproveitou que eu fui à igreja.

- O quê?

- Não, não é com você. Eu estava pensando alto.

- Ah, sim.

- Continue observando para mim. Acho que esse caso está indo longe demais. E a safada da Tereza?

- Olha, o marido já desconfia. E o caminhoneiro foi visto anteontem na cidade...

Neste momento, depois de levar o chá até a sala, Theo se ocupava da limpeza dos móveis. Um pano molhado tinha que ser passado sobre todos eles a cada dia. À distância, dois olhos observavam seu trabalho, seus movimentos, suas constantes idas e vindas ao balde para enxaguar o pano. Era Mauro Salgado que, após alguns instantes em pé na porta do seu quarto, caminhou com as mãos nos suspensórios da calça e se aproximou da menina. Theo se assusta, escorando-se na parede.

- Seu Mauro?

- O homem sorri.

- Não precisa assustar. Só estava olhando você trabalhar. Faz as coisas direitinho e já está muito bonita.

Apreensiva, Theo se encolhe junto ao armário que limpava. Mauro se aproxima um pouco mais tocando o queixo da menina com as pontas dos dedos.

- Qualquer dia a gente precisa conversar sobre algumas coisas. Coisas boas pra você.

Depois de mais um sorriso, volta ao quarto. Theo, apavorada, deixa-se ajoelhar no chão ao lado do balde. Sabia que, a partir daquele momento, sua vida naquela casa seria muito pior. Lembrou-se que Maria lhe dissera para nunca deixar aquele homem se aproximar dela. Mas como evitar isso se as suas pernas ficaram tremendo de medo quando ele caminhou em sua direção? Seus pensamentos foram interrompidos quando a porta da sala se abre e Don'Ana se dirige para a saída. Vilma nota a presença da menina e a chama.

- Já que você está aí, vá ao jardim e chame o Manoel aqui.

- Sim senhora.

- Vá rápido!

O jardineiro é avisado e logo se apresenta à patroa.

- Não senhora. Não vi a Maria sair ontem. Vi outros dias.

- Eu quero saber ontem. E você viu a moça aqui em casa, assim logo depois do almoço?

- Não senhora. Só no finalzinho da tarde quando ela foi varrer o terreiro.

- Presta atenção, Manoel. Fique observando para mim quando essa desobediente sair. Corra aqui e me conte. Ela está fazendo coisas erradas.

- Eu ajudo a olhar, dona Vilma.

À noite, após a limpeza que sucede o jantar, as duas criadas estavam no quarto, sentadas na cama. Aquele era o momento esperado por elas, pois além de ser a hora do descanso, era a oportunidade que tinham para conversar, para repartir as suas preocupações.

- Pois é, agora eu tô esperando. O Zé Mário falou que vai me avisar o dia da gente fugir.

- Será que vai demorar muito?

- Num sei, ele não falou. Mas ocê ficou preocupada.

- É que sem ocê aqui eu num sei como vou fazer...

A menina começa a chorar, logo consolada pela amiga, que lhe dá um abraço.

- Ora, Theo, eu tenho que ir, ocê sabe.

- Eu sei. Mas eu vou ficar sozinha e...

- Num chora, eu prometo que, depois que eu e o Zé Mário tiver uma casa, um lugar pra nós ficar, eu venho te buscar pra morar com a gente.

Theo descansa a cabeça no ombro da amiga.

- Eu tô muito feliz por causa docês dois. Ocê merece. Eu só tô preocupada.

- Aconteceu alguma outra coisa? – disse Maria, olhando no rosto da menina.

A resposta demora um pouco.

- É o seu Mauro. Ele falou que eu tô bonita e que depois quer conversar comigo.

- Aquele sem-vergonha! – exclama a moça – Quer fazer com você a mesma coisa. Oia, Theo, não deixa ele tocar um dedo nocê, viu? Grita, faz um escândalo.

- É, ocê me falou.

- Era o que eu devia ter feito, mas fiquei com medo. Dele e da bruxa.

Depois de um breve momento de silêncio, a moça completa:

- Eu fico com o coração apertado deixando ocê aqui, mas eu tenho que ir.

- Eu sei.

- Pois é, mas eu tô morrendo nessa espera.

- A Adélia falou que tá faltando alguma coisa lá na cozinha. Quem sabe amanhã a dona Vilma manda uma de nós duas na venda.

- É mesmo. Se ocê for, pergunta pro Zé Mário o dia.

Uma visita, para muitos, inesperada chegou na manhã seguinte à venda de Juca. Mauro Salgado apareceu à porta e os poucos fregueses se afastaram para a sua passagem. O homem sorriu, medindo a extensão de seu poderio por aqueles lados. Juca havia entregado um pacote de mercadorias a um sitiante e se preparava para o acerto, mas para ao ver o cliente distanciar-se do balcão, dando lugar ao recém-chegado. Mauro, no entanto, se detém.

- Eu espero, seu Juca. Nosso assunto é mais demorado.

- Como quiser, seu Salgado.

O vendeiro prossegue em seu trabalho, recebendo do cliente um pequeno caderno no qual anota os produtos e seus respectivos valores, devolvendo-o em seguida ao dono, que vai embora. Atende ainda uma senhora, sempre observado por Mauro.

- Agora sim, seu Salgado, podemos conversar. Que bom motivo o traz ao meu humilde comércio?

- O mesmo de sempre. Aquela aguardente com raízes que só o senhor sabe fazer.

- E veio na hora. Tenho um pequeno barril curtindo – sorri educadamente o vendeiro.

- Ainda bem, senão perderia um pouco da simpatia que lhe dispenso.

- Talvez a simpatia seja mais pela minha aguardente – brinca o homem.

Mauro sorri.

- Não o nego. Sou um apreciador da cachaça que prepara. Supera até mesmo alguns dos meus uísques importados.

- É um grande elogio vindo do senhor. Vou providenciar.

Enquanto isso, o homem ergue a cabeça, olha as mercadorias acomodadas em rústicas prateleiras suspensas nas paredes e comenta:

- Sua venda poderia estar em melhores condições, por ser nesse ramo a única da cidade.

Juca, que se agachara para pegar o barril, responde:

- Às vezes penso nessa possibilidade, mas logo chego à conclusão de que a venda me dá o retorno que preciso.

- Quem sabe essa sua falta de ganância esteja atrapalhando seu faro de comerciante.

O homem volta ao balcão.

- Pode ser, não nego as minhas modestas pretensões.

- É preciso querer mais, seu Juca.

- Talvez. Os bens materiais são importantes para mim também. No entanto me ocupo um pouco com as pessoas, as amizades e assim encurto o meu tempo para pensar em dinheiro. As boas relações neste mundo também trazem certo retorno.

- Temos opiniões diferentes. É desnecessário argumentar. Mas permita-me uma observação. Vi uma falha em suas ações que não são dignas a um bom comerciante.

- A que se refere, seu Salgado?

- Ao fato da venda a prazo e principalmente do uso da caderneta para a descrição das mercadorias. Como o senhor pode deixar o cliente levá-la para casa?

Calmamente, o homem coloca o pequeno barril na ponta do balcão, serve duas doses da cachaça e estende uma delas ao visitante.

- Seu Salgado, essa minha atitude estabelece uma relação de confiança com os clientes. Dessa forma, além da mercadoria, levam junto a boa vontade e o respeito que tenho por eles.

- Não é confiar demais? Alguém pode simplesmente desaparecer e o senhor fica com o prejuízo.

- Esse é um engano. As cadernetas sempre voltam. Nenhuma, em todos esses anos, sumiu.

- O senhor é quem sabe, o risco é seu.

Bebendo sua dose, o vendeiro acrescenta:

- Como a venda a prazo é inevitável, estabeleço essa parceria com meus clientes. Penso até estar colaborando para a formação do caráter de vários deles.

- Então o senhor recebe todas as dívidas no final do mês?

- Tim-tim por tim-tim. E a cachaça? Quantos litros o senhor vai levar?

Na residência dos Salgado, a rotina dos trabalhos diários prosseguia. Aquele era o dia de lavar as enormes janelas. Maria se esforçava, subindo em uma escada para alcançar as partes mais altas. Theo segurava a armação de madeira para não escorregar e passava à amiga o material necessário para a limpeza.

- Cuidado aí, senão ocê faz eu pinchar a cara no chão.

Theo sorri.

- Ocê fala engraçado, Maria.

- É o meu jeito. Me dá a vassoura aí. E anda logo que tá perto do almoço. Hoje eu tenho que ajudar a Adélia. E sabe o que vou fazer?

- O quê?

A moça desce alguns degraus para se aproximar da amiga e fala baixinho.

- Vou roubar umas coisas pra nós comer.

- De novo? Toma cuidado.

- Num tô nem aí. Aqui até os porco come mió que nós duas.

- É mesmo.

A cozinheira chega naquele instante com uma ordem da dona da casa.

- Theo, a dona Vilma mandou te chamar. É procê ir na venda buscar cebola.

Maria se alegra. A mulher se afasta e a moça diz:

- Fala com o Zé Mário. Pergunta ele o dia. Mas óia lá, ninguém pode escutar.

- Pode deixar, Maria. Eu já vou.

Chegando à venda, a menina é atendida pelo dono, mas logo o ajudante se aproxima, acompanhando-a até a porta.

- Nossa! Quase que não te vi. Tava lá dentro.

- A Maria falou...

- Eu já sei. Entrega esse bilhete pra ela. Tô explicando tudo aí. Num deixa ninguém ver.

O bilhete foi guardado no bolso do vestido, mas só pôde ser entregue após o almoço, quando as duas tiveram oportunidade. Maria apareceu no quarto com uma vasilha contendo restos de comida.

- E aí, Theo? Falou com ele?

- Falei. Ele mandou outro bilhete...

- Dá aí logo. Por que ocê num me entregou antes?

- Ocê tava na cozinha. Tinha gente perto.

Eufórica, a moça pega o bilhete esquecendo-se, por um momento, de que não sabe ler. Olha o papel e devolve-o imediatamente à amiga.

- Toma, ocê sabe que eu num sei ler.

- Tá bão, vou ler procê.

O bilhete falava sobre a fuga. O plano era esperar a noite do próximo domingo. Esse era o momento ideal para Maria sair de casa, já que Vilma sempre participava das atividades da igreja nesse horário. Além disso, o rapaz teria tempo de organizar os últimos detalhes, inclusive pedir emprestado, a um amigo, uma velha camioneta. De carro se deslocariam até a cidade mais próxima, de onde pegariam um ônibus para um centro maior onde não fossem encontrados. Quem sabe a própria Capital.

- Domingo? Mas ainda falta cinco dias! – exclama Maria.

- É o que tá escrito aqui ó: “Maria, já decidi. Vamos fugir domingo à noite. Depois que dona Vilma sair, ocê pula o muro e a gente se encontra na esquina. Eu vou te tirar daí e a gente vai casar. Te amo!”

As duas sorriem após a leitura do bilhete.

- É, mas ele tá certo. É a única hora que a bruxa num tá em casa pegando no meu pé. O que eu levo? Preciso pensar.

- Ele falou procê levar só uma roupa.

- Certo. Pensando bem, eu num tenho nada mesmo.

A moça olha para a amiga e fala em tom de voz melancólico:

- Eu só tenho ocê, Theo, mas num posso te levar agora.

- Eu sei, mas ainda tem cinco dias pra nós tá juntas.

A menina recebe um abraço.

- Eu torcendo pros dia andar depressa e ocê torcendo pros dia andar devagar. A vida foi muito maldosa com nós duas.

Theo começa a chorar, mas ainda consegue dizer algo antes da primeira lágrima aparecer.

- O bão é que ocê vai ficar livre daqui. Depois eu vou...

- Isso mesmo. Depois ocê vai igual nós já combinou. Agora vamos comer – disse a moça, abrindo a vasilha.

- O que trouxe?

- Um monte de carne que sobrou. Pega aí, pega.

A menina leva o alimento à boca, ainda triste pela iminente ausência da amiga. Maria tenta consolá-la.

- Óia, num fica assim. Ocê vai aguentando aí até eu voltar. Faz o seguinte: toda vez que a bruxa te bater, ocê viaja pra longe, pensa numa coisa muito distante. Eu faço assim, às vezes melhora.

Após uma pausa...

- Pega mais carne, tá gostosa.

Zé Mário tinha a intenção de conversar com o patrão a respeito de sua fuga com Maria. Já havia protelado esse momento e não podia perder um dia a mais, já que necessitava dele para o sucesso de seu plano. Precisava de suas orientações, de dinheiro e, em seu íntimo, de sua aprovação. No fim da tarde, quando não havia clientes e já preparavam para fechar a porta, o rapaz, enquanto guardava alguns produtos espalhados durante o dia, tenta iniciar o diálogo.

- Seu Juca, o senhor já foi casado?

O homem limpava o balcão. Ouvindo a pergunta, suas mãos interrompem a tarefa e apertam o pano molhado. Seu olhar se lança através da porta buscando, quem sabe, algum instante vivido no passado e as palavras certas para a resposta.

- Sim, já fui casado. Faz algum tempo, mas foi por poucos anos. Bons anos...

Em seguida, libertando-se das garras da recordação, volta-se para o rapaz.

- Pode falar, Zé Mário. Já notei que alguma coisa te incomoda desde ontem.

- Pois é, seu Juca...

No último instante, com receio do patrão não concordar com o caso e a fuga dar errado, o rapaz esconde suas intenções.

- Não, seu Juca, quero dizer, não é nada.

- Eu sei o que é. Deixa ajudar. É aquela mocinha dos Salgado, não é?

- É sim.
- Nada vejo de mal neste caso, se ela e a família estiverem de acordo.
- Ela num tem mais família.
- Passou a ter desde que foi adotada pelos Salgado.

O rapaz abaixa a cabeça.

- Aquela mulher nunca vai deixar a Maria sair daquela casa.
- Isso é verdade – concorda Juca – Mas quem disse que seria fácil? O amor precisa mesmo enfrentar barreiras para que possa se fortalecer e se preparar para as dificuldades da vida em comum.

Após uma pausa, abre um sorriso.

- Acho que falei meio difícil pra você entender, meu filho. O importante é o que diz seu coração. O que ele tá falando?

O rapaz também sorri.

- Ele tá doidinho. Eu já num sei o que fazer. Nós gosta um do outro.
- Então lute por esse amor. Não tenha pressa, mas lute.

E mais uma vez os olhos do homem se perdem no tempo.

- Hoje sei que me faltou um pouco de empenho, talvez...
- Obrigado, seu Juca, mas eu queria uma coisa.
- Pode falar. O que é?

- Eu precisava de um dinheiro no fim de semana.

- Tudo bem, mas olha lá. Não vá me complicar aqui na venda.

Zé Mário sentiu por um momento a quase certeza de que o homem sabia de seus planos. No entanto, isso não era possível.

- Não senhor... Sim senhor.

Maria assobiava estendendo as roupas no varal. Mal haviam chegado as horas daquele novo dia e a moça já cumprira várias tarefas. Uma nova força interior tinha surgido, e uma alegria repentina tomava conta de seu rosto. Vilma se levantava e o assobio chamou-lhe a atenção. Abriu a janela voltada para o quintal e acompanhou parte do trabalho da moça. Aquela não era uma atitude habitual da criada, o que suscitou, por instantes, a sua desconfiança. Balançou a cabeça e fechou a janela. Maria não notou a patroa e nem mesmo a chegada de Theo.

- Mas que alegria!

- Nossa! Assim ocê me assusta.

- Ocê tava distraída. Pensando no Zé Mário?

A moça para o serviço e abre um largo sorriso.

- Tô pensando em tudo. Como é que vai ser a nossa vida longe daqui. Mas só passou um dia. Num tô aguentando esperar.

- Ocê tá com pressa mesmo.

- E num era pra tá? Vou ficar livre da bruxa e ainda por cima vou ficar junto do Zé Mário. Às vezes eu nem acredito que isso tá acontecendo.

- Mas é verdade. Eu tô vendo tudo.

A moça pega uma peça de roupa que a menina lhe dera para estender, mas dá uma pausa no serviço fazendo uma expressão séria.

- Eu tenho medo, Theo, tenho medo de alguma coisa dar errado ou do Zé Mário mudar de ideia.

- Ele num vai desistir. Vai dar tudo certo, ocê vai ver.

O sorriso volta ao rosto.

- Muito obrigada. Ocê vive me ajudando, me animando. Vou sentir falta docê.

- Eu também.

As duas se abraçam. As despedidas haviam começado há alguns dias e iam persistir até o último minuto em que estivessem juntas. Havia se forjado entre elas uma amizade única, verdadeira, nascida em momentos de atrozidades, num lugar em que a dedicação mútua era a única maneira de sobrevivência.

- Maria...

- Theo...

Naquela manhã, Petrônio dirige-se à barbearia local. Um cliente estava sendo atendido naquele momento.

- Bom dia, Petrônio. Arrasta aí o tamborete. Aqui não demora.

O homem resolve esperar.

- Muito obrigado, seu Cipriano. Tem aí aquele jornal?

- Chegou ontem. Taí sobre a mesinha. Se essas notícias da região não chegassem aqui, a gente ia viver isolado nesse mundinho.

- É verdade.

- E tem gente de nossa cidade aí dessa vez.

- Vou ver.

O recém-chegado senta-se no pequeno banco e abre o jornal. Na segunda página, ao lado das imagens alusivas à construção de Brasília, encontra a foto de Mauro Salgado exibindo um presunçoso sorriso. Seu semblante se fecha, mostrando a aversão que tinha pelo homem. A matéria era extensa e, antes do término, o barbeiro o interrompe.

- Sua vez, companheiro.

O jornal é posto de lado.

- Não é preciso interromper a leitura. Dá pra fazer as duas coisas ao mesmo tempo.

- Já vi o suficiente. Barba, por favor.

Enquanto a espuma era espalhada pelo rosto do cliente, o barbeiro comenta:

- Parece que o amigo não ficou muito contente com a reportagem, ou me engano?

- Não, não se engana. E nem é uma reportagem, é só mais uma vergonha que o dinheiro dele pode comprar. Parece que todo mundo quer bajular esse patife.

O profissional afia a navalha.

- Quem pode, pode.

- É, mas eu teria vergonha de fazer isso. Não é segredo pra ninguém como ele consegue aparecer nesses papéis aí. Nada disso consegue encobrir o que ele faz com as meninas da cidade, nem as brigas com a louca da mulher dele.

Cipriano põe o dedo na boca.

- Shhh! Fala baixo, homem. Tá querendo complicar a gente?

- Tá vendo? Todo mundo se borra de medo desse safado.

O rosto do homem é massageado e a lâmina desce rente sua orelha esquerda, levando de oito a espuma.

- Aqui já chegou a desavença que vocês dois tiveram por aí.

Petrônio espera a lâmina se afastar e retruca.

- Foi a última vez que esse prepotente atravessou meu caminho. Eu garanto para o senhor: qualquer dia ele vai receber o que merece.

A navalha volta a trabalhar, enquanto o homem engole seco sua indignação. De barba feita, levanta da cadeira olhando-se no espelho. O barbeiro arrisca um conselho:

- Esquece isso, Petrônio. O homem é importante, tem dinheiro. Não entre em disputa com ele, por causa de mulher, que você pode se dar mal.

- É, pode ser.

Antes de sair, Petrônio acende um cigarro, vai até a mesinha e queima a foto de Salgado com a brasa. Cipriano toma o jornal, esbraveja e apaga o fogo.

- Ficou maluco? Nem terminei de ler as notícias da Copa do Mundo!

Varrendo quintal, lavando roupas, limpando móveis, ajudando na cozinha, alimentando porcos... Todas as atividades diárias, Maria realizava com motivação. As vasilhas com água eram carregadas facilmente, e as escadas nem pareciam obstáculos. Desde que foi confirmada sua fuga, a moça fazia os trabalhos como se estivesse terminando uma grande tarefa. Uma tarefa à qual se dedicara desde criança e, por isso, deveria ser concluída com alegria. Ela se despedia para não voltar, para ir aonde quisesse, aonde sempre sonhara, para bem distante, além da liberdade. Assim, mesmo cansada, não deixava de exibir um constante sorriso no rosto. Esse comportamento não passou despercebido por Vilma. Já notara antes aquela satisfação sem motivo aparente e, desconfiada, passou a observar melhor a moça. Tinha certeza de que algo diferente estava acontecendo e só poderia ser relacionado ao seu pretense romance com o ajudante de Juca. Indo ao escritório, faz uma ligação para Don'Ana que imediatamente se dirige à venda, chegando no momento em que não havia fregueses e os dois vendedores conversavam juntos ao balcão.

- Olha aí você de novo com essa conversa de casamento. Tô achando que já tenho que procurar novo ajudante.

O rapaz sorri timidamente.

- É só pra conversar, seu Juca. Dá vontade falar no assunto.

- Quem vai casar?

A voz interrompe o diálogo e Juca se distancia, meneando a cabeça.

- Atende a senhora, Zé Mário. Vou lá nos fundos.

- Quem vai casar, Zé Mário? – a pergunta é repetida.

- Não senhora, ninguém. A gente só tava falando...

A mulher morde os lábios, deixando escapar uma exclamação.

- Hum!

- O que a senhora vai querer?

- Eu? Bem, hoje nada. Só estava fazendo uma visita de cortesia. Bom dia, meu rapaz.

- Ué, bom dia.

Nas primeiras horas da tarde, a beata já se encontrava na residência dos Salgado. Theo abre a porta.

- Avise Vilma que estou aqui.

Em um minuto, a dona da casa aparece.

- Don'Ana! Vamos à sala. Aposto que tem notícias para mim.

- Com certeza, Vilma. Desculpe não tê-la avisado.

- Não tem problema. Acompanhe-me.

A porta da sala de visitas é fechada e as mulheres se acomodam nas poltronas.

- Pode falar. Eu sei que alguma coisa está acontecendo.

Desta vez, a informante não faz suspense.

- Ouvi falar de casamento. Conversa entre o vendeiro e o ajudante. O rapaz parecia bem interessado.

- Mas nada concreto?

- O homem dissimulou, mas até falou em arrumar outro ajudante. Há muito de verdade nessa história.

- Você tem razão. Isso explica a mudança nas atitudes da moça.

- Como assim?

- Bem, não importa. Don'Ana, vou precisar de você mais uma vez.

- Estou aqui, pode dizer.

- Eu preciso que você vigie a criada para mim.

- Vigiar? Como assim?

- Vou mandá-la à venda e você vai atrás. Não deixe que a veja. Observe tudo o que acontece e, se puder, ouça as conversas.

- Tudo bem. Sou boa nisso.

Vilma elabora uma lista e entrega a Maria, ordenando a compra. A moça sai, imediatamente seguida pela beata, e em poucos minutos chega à venda. Ao ver Zé Mário no balcão, aproxima-se e lhe entrega a lista. Os olhares se cruzam e ali ficam, por um instante, hipnotizados pela magia do amor. Juca, percebendo o que acontecia, resolve oferecer uma ajuda.

- Daí esse papel. Acho melhor eu mesmo cuidar disso. Vocês parecem ter algo mais importante para fazer.

Os dois sorriem timidamente. Quando o vendeiro se afasta, Zé Mário sai do balcão e toca as mãos de Maria.

- Vamos pra detrás da casa?

O beijo, dessa vez, foi mais demorado, mais ardente, seguido de um abraço apertado. A alguns metros do local, Don'Ana observava a cena, escondida em um casebre abandonado. De lá não podia ouvir o que diziam.

- Eu tô contando os dias, Maria.

- Eu também, Zé. Só falta dois. Hoje e amanhã.

- Te abraçando assim, eu sinto o quanto nós vai ser feliz.

- Eu já tô feliz, Zé, pois eu sei que ocê gosta de mim.

- E gosto mesmo.

Enquanto a espiã, notando uma pilha de tijolos mais perto da cama, se desloca para ouvir a conversa, um cliente chega à venda e Juca interrompe sua tarefa para atendê-lo. O casal havia ganhado mais alguns minutos de felicidade. Em seu novo esconderijo, Don'Ana agora podia ouvir nitidamente a conversa dos dois amantes.

- Você acha mesmo que ninguém tá sabendo?
- Não, ninguém.
- Vai dar tudo certo.
- É, vou continuar contando os dias.
- Eu também. Me dá mais um beijo antes docê ir embora.
- É mesmo. Seu Juca já deve tá quase terminando.
- Te amo...

Outro beijo é trocado. Um beijo cheio de esperança que antecedia uma nova vida repleta de felicidade.

- Zé Mário, tá pronto!
- Aí ó, num falei?

Zé Mário sorri, tocando o rosto da moça.

- Num tem importância. Logo a gente vai ter muito tempo.

Maria pega as compras e volta para casa, sem imaginar que fora seguida. Um pouco mais tarde, a amiga espiã chega para fazer o seu relato.

- Beijos?
- Isso mesmo. Beijos e abraços detrás da casa.
- Essa depravada vai levar um castigo como nunca teve.
- Eu consegui ouvir alguma coisa.
- O que falavam?
- Além das frases de amor, diziam estar contando os dias. Só não sei o motivo.

A mulher não contém uma expressão de raiva.

- Mas eu vou saber, nem que seja preciso matar aquela vadia.
- Mas, matar?
- É força de expressão, Don'Ana. Você foi muito útil. Obrigada.
- Amigas são para essas horas.

Chegou o domingo. O dia tão esperado por Maria. Ela mal conseguia esconder a ansiedade e o desejo de que logo viesse a noite. Agora não contava mais os dias; contava as horas. Ao servir o café da manhã, seu olhar se deparou com o olhar acusador de Vilma. A mulher parecia inquieta e mais agressiva que o normal. Abaixou os olhos e retornou à cozinha. Não importavam mais o desdém ou o mau humor da patroa. Aquele era o último dia em que estaria naquela casa, ao lado daquelas pessoas. Tinha dedicado boa parte de sua vida a eles e agora havia chegado o momento de cuidar de si mesma, de sua verdadeira existência junto de Zé Mário. A impossibilidade de levar Theo era seu único motivo de contrariedade e, assim, tentava

passar junto a ela aqueles últimos instantes que tinha. E nunca, nunca iria esquecer a promessa de buscá-la um dia.

Vilma, por sua vez, seguia contendo a vontade de castigar a moça devido ao namoro escondido. Tinha mais alguma coisa no ar e ela haveria de descobrir. Conhecia a criada e sabia que ela nada revelaria mesmo apanhando. Na noite anterior, havia traçado um plano que agora colocava em prática, nas primeiras horas da tarde.

- Mauro, pegue as chaves do carro. Venha comigo.

- Mas agora? Para onde?

- Já te digo. Explico no caminho.

Em poucos minutos, um Buick azul estaciona frente à venda de Juca. O local estava fechado, porém sabia-se que o homem usava como residência os fundos do estabelecimento comercial. Mauro desce do automóvel, mas nem precisa chamar; Juca aparece por um corredor ao lado. Tinha ouvido o barulho do motor e foi ver do que se tratava.

- Olá, seu Salgado. Fechamos na hora do almoço, mas vou abrir para o senhor.

- Não, não se trata da venda. Eu e minha esposa queremos ter uma conversa em particular com o senhor – diz, apontando para a mulher.

- Mas, do que se trata?

- Falaremos lá dentro, seu Juca. Quanto menos pessoas ouvirem, melhor – disse Vilma, descendo do carro e caminhando em sua direção.

Surpreso, mas sempre solícito, o vendeiro responde:

- Então, por aqui. O corredor nos levará à residência de um homem sozinho e, portanto, um pouco acomodado. Não reparem os desleixos.

- Isso não nos interessa. Queremos outra coisa e o senhor pode nos oferecer.

- Se estiver ao meu alcance... Sentem-se, por favor.

Salgado se senta em uma cadeira, mas logo se levanta ao ouvir a esposa.

- Não é preciso se incomodar. A demora é pouca.

Olhando com firmeza para Juca, Vilma expõe suas intenções.

- O senhor é tido como uma pessoa honesta e que defende sempre o que é correto e verdadeiro. Hoje quero ver se o que dizem a seu respeito tem procedência.

- Dispense os rodeios, minha senhora. Pode dizer.

- É real a história do romance entre seu ajudante e minha criada?

O homem sorri disfarçadamente.

- Então é isso? É apenas um namoro juvenil. Coisa desses corações adolescentes.

- Não é tão simples assim e o senhor sabe disso.

- Como assim? – surpreende-se mais uma vez o homem.

- Vai me negar que não sabe dos encontros detrás da casa?

- Ora, claro que sei. São apenas alguns minutos. E além do mais Zé Mário é um ótimo rapaz.

- Aí está o problema, seu Juca. Somos nós, a família Salgado, que devemos fazer esse juízo de valor. Para nós, ele não é a pessoa ideal, é um pobre ajudante de venda.

Juca sente-se ofendido e retruca.

- A senhora está se exaltando sem motivos e começa a exagerar.
- Engano seu. Há um grande motivo e o senhor vai me dizer.
- Mas eu nada sei além do que vejo.

Vilma aponta-lhe o dedo, em sinal de ameaça.

- Seu Juca, esta sua venda só existe, a sua permanência na cidade só acontece se nós aprovamos. O senhor e toda essa ralé de moradores que o circundam sabem disso. Então é bom abrir o jogo.

O homem consegue manter a calma. Sabe ele que, em parte, a mulher tinha razão. Aqueles que já confrontaram a família Salgado hoje não estão ali para contar como foi. Alguns nem podem mais contar.

- Repito que nada estou escondendo. Seu Salgado me conhece melhor, sabe que estou sendo sincero.

Um instante de silêncio se faz, tempo suficiente para uma troca de olhares entre o casal. Juca volta a falar.

- Mais tarde falarei com Zé Mário. Se existe alguma coisa a mais, eu também quero saber.

Vendo que nada mais podia fazer, Vilma vai saindo.

- Eu vou embora, mas diga a esse funcionário seu para se manter distante de minha criada. Caso contrário, Salgado vai lhe dar o que merece.

- Isso não vai ser necessário. Eu me comprometo a cuidar do caso.

- Se é assim – diz a mulher – vamos confiar no senhor. Maria não virá mais à venda e, se o rapaz aparecer nas imediações de nossa casa, quem terá problemas será o senhor. Passar bem.

Com o costumeiro olhar de desprezo, a mulher sai, vence o corredor e entra no carro, seguida pelo esposo. Juca, em pé na porta, vê o automóvel esconder-se na esquina, sentindo na própria pele o autoritarismo dominante da família Salgado.

Chegando em casa, Vilma ainda tenta uma última cartada para descobrir o seu intento. Dá ordem para as criadas varrerem o quintal e se tranca no interior da residência. Maria estranha aquela atitude.

- Mas nós varreu o quintal hoje de manhã, Theo.

- Mas ela mandou, Maria. Pega aí a sua vassoura.

- Essa mulher é maluca!

Vilma se dirige imediatamente ao quarto das criadas. Estava convicta de que o namoro entre Maria e Zé Mário escondia mais alguma coisa, e ela esperava encontrar algum indício que evidenciasse os recentes acontecimentos. Empurra a porta e entra. À sua frente, duas camas cobertas por colchas de retalhos e, ao lado, o armário contendo os poucos pertences das duas. Onde começar? Ela pensa e remexe nas roupas dobradas, numa pequena caixa contendo pertences de Maria, na mala de Theo. Em seguida resolve olhar debaixo dos colchões, sem nada encontrar. No canto do armário, a caixinha de música chama-lhe a atenção. Pega o aparelho, senta-se em uma das camas, abre e dá corda. A bailarina rodopia-se ao som da suave melodia. A mulher deixa-se envolver um instante por aquele clima de ternura, momento que nunca tivera e que não podia ter em sua vida com todas as atribuições e

responsabilidades, com os insistentes problemas que cotidianamente havia para resolver. Fecha a tampa com força e recoloca a caixinha no armário. Ela não se permitia entregar a sentimentalismos pequenos. Ela era Vilma, a matriarca da família Salgado.

Como de costume, as duas amigas haviam dividido as tarefas. Theo se ocupa da frente da casa. Maria, do lado oposto, para por um momento o trabalho, escora a vassoura na parede e se deixa levar por seus pensamentos. Para ela, cada minuto que passava era mais um passo em direção à liberdade. Precisava apenas esperar mais um pouco e os seus sonhos seriam todos transformados em realidade. Percebera que naqueles últimos momentos Vilma estava sempre por perto, acompanhando seus movimentos. Não tinha importância, em breve aquele pesadelo teria fim, em breve iria voar, como um pássaro livre em direção ao seu mundo, seu verdadeiro mundo. Inconscientemente, como se despedisse de tudo por ali, anda pelo jardim, passa pelo chiqueiro, o canil e detém-se por mais tempo na varanda nos fundos da casa. Ali havia um canário preso em uma gaiola, que ela alimentava todos os dias. O pássaro pertencia a Mauro Salgado. Era a sua distração sempre que ele se desentendia com a esposa. A moça passa as mãos pela gaiola, balançando levemente. O canário voa para o lado oposto no intuito de se proteger. Maria sorri. Quantas vezes se sentiu como ele, abandonado naquela prisão e, acima de tudo, vivendo com medo, apavorando-se sempre quando alguém se aproximava. Como ele, sabia a moça que, mesmo trazendo um sorriso no rosto, as intenções das pessoas eram quase sempre maldosas. Não se pode chamar de vida a existência de um ser, homem ou pássaro, enclausurado entre paredes. Ela olha em volta, ninguém se encontrava por ali naquele momento. Abre a porta da gaiola, pega com cuidado o canário e passa os dedos em sua cabeça acariciando-o. Em seguida, exibindo um belo sorriso, o mais belo daquela tarde em toda a região, abre as mãos deixando fugir o passarinho. Como ela, ele voará em busca de sua vida, irá conhecer todos os cantos e recantos de sua liberdade, não haverá limites para a sua alegria ao lado de quem tanto ama. Voa canário, como ela brevemente voará.

No interior da casa, Vilma desloca algumas revistas velhas de lugar e pensa desistir da procura. Não parecia haver ali indício algum que confirmasse suas suspeitas. Sua iniciativa se revelava em vão quando ela resolve olhar para o teto do quarto e vê o espaço existente entre a parede e o forro. Com dificuldade, sobe na janela e avista o esconderijo de Maria. Estende a mão e alcança a caixa de madeira. Além dos outros pertences, dois bilhetes foram encontrados. A mulher lê e abre um largo sorriso, pois ali estavam descritos todos os detalhes da fuga. Ainda por um momento se delicia com o achado, depois coloca tudo no seu devido lugar e se encaminha para a saída. Ao chegar à porta, repentinamente seu corpo se arrepia de uma forma nunca acontecida antes. Da cabeça aos pés, a mulher é tomada por aquela inquietante sensação. Seu coração acelera as batidas e ela se vira com a quase certeza de haver naquele quarto mais alguém, ou alguma coisa desconhecida. Nada vê. Dá um passo para trás, fecha a porta e tenta se acalmar. Notando não haver qualquer perigo ali fora do quarto, se recompõe e volta à sala.

Depois de destrancar as portas da casa, a mulher se serve de uma boa dose do seu preferido licor de uva. Além de se acalmar, precisava comemorar sua descoberta. Era fim de tarde e, ao contrário do que se esperava, não inicia imediatamente o castigo físico prometido a Maria. Saboreando a bebida, diz baixinho para si mesma:

- Deixa ela se enganar mais um pouco. Que se envolva algum tempo ainda com a sua falsa felicidade! Enquanto isso, fico aqui imaginando nosso ajuste de contas. Vou me deliciar com os seus olhares e ver como ela faria para fugir.

O sol se pôs. Maria notou que Vilma já se preparava para ir à igreja. Mauro a levaria como sempre. Havia chegado o momento. Ao lado de Theo, dirigiu-se para o quarto e começou a organizar os seus poucos pertences para a fuga. Estava eufórica, andando inquieta naquele pequeno espaço.

- Fica calma, Maria, senão ocê dá um troço!

- Tá difícil esperar.

Theo vai ao armário, pega um vestido e oferece à amiga.

- Aqui ó. Eu fiz procê, daqueles retalhos que nós ganhou.

- Nossa! Que lindo! Fez sem eu saber. Ocê é mesmo uma ótima costureira!

Maria veste a roupa nova e, sorrindo, dá uma volta sobre si mesma. Em seguida, senta-se na cama ao lado da amiga, tocando suas mãos.

- Theo, tá chegando a hora. A gente vai se separar. Minha única tristeza é ir sem ocê.

- Mas ocê vem me buscar depois...

- Claro que venho, eu prometi.

A moça levanta-se, sobe na soleira da janela e alcança seu esconderijo no canto da parede. De lá retira e abre sua pequena caixa de madeira. Além dos dois bilhetes recebidos de Zé Mário, ali se encontravam um rosário e uma chave que foi estendida à amiga.

- Theo, essa chave é do nosso quarto. É uma cópia. Roubei um dia lá do escritório da bruxa. Fica procê, quem sabe uma hora ocê vai precisar dela.

A menina pega a chave e aperta ao peito.

- É mesmo. A dona Vilma já trancou a gente aqui antes.

Depois, com um sorriso, vai ao armário e pega uma maçã escondida sob uma peça de roupa.

- Toma, é procê comer no caminho. Roubei lá na cozinha, ninguém viu.

Um abraço aperta por longo tempo as duas amigas. Podiam ser sentidas as batidas dos seus corações naquele instante de despedida. As lágrimas que começaram a cair, tiveram que esperar, pois naquele momento ouve-se o barulho de um automóvel que saía.

- A bruxa! Ela já foi. É agora!

Maria pega sua caixa e a pequena trouxa de roupas, pula a janela e sai ao quintal, esgueirando-se rente a casa. Theo observava do seu quarto e rezava para que tudo desse certo. Após o chiqueiro, a fugitiva sobe em algumas caixas e alcança o muro. Com esforço transpõe o obstáculo e chega à rua, segurando seus pertences. Por sorte, ninguém passava por ali naquele momento. Um homem sai de uma das casas, mas caminha em direção contrária à sua. Corre então para a esquina onde

combinara encontrar Zé Mário. Chegando ao local, vê uma camioneta parada no escuro de um beco. As luzes são ligadas e o veículo se movimenta em sua direção. Meio ofuscada pela claridade, a moça se aproxima um pouco mais, chamando pelo nome do rapaz.

- Zé Mário?!

Uma enorme surpresa faz pular o seu coração. O automóvel para e as portas se abrem. Com imensurável tristeza, vê descer Zé Mário segurado por Mauro Salgado e por um de seus capangas. O rapaz tinha o rosto machucado e caminhava com dificuldade. A moça coloca uma das mãos à cabeça e pensa em correr, mas já era tarde. Vilma aparece em suas costas, agarra com força seu braço esquerdo e tapa sua boca evitando que ela gritasse. Em sua frente, Zé Mário é mais uma vez espancado e jogado ao chão. O sonho havia chegado ao fim.

Da janela, Theo acompanha a volta da amiga àquela casa. Sob tapas e safanões, Maria é empurrada por Vilma para fora do automóvel. Com a violência dos golpes, ela cai e é arrastada pelos cabelos da entrada da casa até ao escritório. Mauro vai para o quarto, tentando manter-se alheio a tudo aquilo. Depois de vários espancamentos, o chicote é mais uma vez retirado da parede. A criada é submetida ao mais implacável castigo de toda sua vida. Em seu quarto, Theo escutava os gritos e se desesperava com a aflição da amiga. Em certo momento, coloca-se de joelhos no assoalho pedindo aos Céus para que terminasse logo aquela tortura, mas Vilma parecia possessa e a tunda prosseguia. Caída ao chão, Maria recebia sem piedade as violentas chibatadas por longos minutos até que não suportou as dores perdendo por instante os sentidos. Vilma detém o chicote nesse momento, contendo sua fúria, ainda esbravejando seu rancor.

- Sua vagabunda! Pensou que ia mesmo fugir, não é? Mas daqui você só sai morta!

A mulher se afasta, deixando a porta aberta. Theo se aproxima e encontra a amiga voltando a si. Tenta levantá-la, mas não consegue. Gemendo, Maria tenta se colocar de pé, apoiando-se em Theo. Com esforço, passam pelo corredor e alcançam a escada que dá acesso aos aposentos dos empregados. A descida é mais difícil dessa vez, pois os ferimentos eram inúmeros e os sinais das correias mais profundos. Além das manchas pelo corpo, a infeliz tinha um olho roxo e um corte nos lábios de onde o sangue escorria, caindo em seu vestido. Conseguem finalmente chegar ao quarto e Maria é colocada na cama.

- Ai, meu braço!

- Fica aí, Maria, que eu vou fazer a salmoura.

- Zé Mário, Zé Mário...

- O que tem ele?

- Bateram nele também. Como ele tá? Como a bruxa descobriu?

- A hora que eu for na venda, descubro tudo e te conto. Agora nós tem que cuidar dessas feridas.

Somente depois de algumas horas, a moça consegue adormecer. Theo a cobre com um lençol, passa as mãos com carinho em seus cabelos e senta-se na cama. Quantos momentos difíceis elas estavam passando naquela casa. Tinha certeza de que Maria nunca mais seria a mesma depois desse golpe cruel que o destino havia lhe preparado. Destino! Só podia mesmo ser obra do destino tudo aquilo que viviam. Muitos, nesta vida, nasceram para ser felizes, mas elas não podiam participar dessa alegria. Teriam que viver ali todo o tempo servindo aquelas pessoas, de todas as formas, suportando os maus tratos, sem vontades ou desejos, esquecidas de si mesmas. Uma brisa vinda da janela toca seu rosto e ela se vira.

- Mãe! A senhora veio... Veio me ajudar a cuidar da Maria. Ela tá muito mal.

Zé Mário, com dificuldade, havia conseguido chegar à sua casa. Acabara de tomar um banho e também cuidava de seus ferimentos. Tinha um corte no supercílio e ainda se contorcia com as dores de seus hematomas. Alguém bate à porta e ele se assusta. Pensa em olhar pela janela, mas logo se tranquiliza ao ouvir uma voz:

- Zé Mário, sou eu.

- Seu Juca!

A porta se abre. O homem se surpreende ao ver o estado do ajudante.

- Mas o que foi isso?

O rapaz segura o braço esquerdo ferido e abaixa o rosto.

- Pode falar, meu filho...

Muito abatido, Zé Mário conta toda a história. No final desabafa:

- Num posso mais ver a Maria. Num posso.

- Você devia ter me falado. Isso não teria acontecido.

- Se eu falasse, o senhor num me deixava fugir.

Ainda furioso, Zé Mário dá um soco na mesa.

- Isso num pode ficar assim. Vou dar um jeito naquele desgraçado!

Juca passa as mãos pelo cabelo tentando se acalmar.

- Tudo bem, tudo bem. Ficar assim não adianta. E caçar mais confusão é pior; a gente não é de briga. Sabe que eles também me ameaçaram?

- Como assim?

- Foram lá em casa pra saber se eu escondia alguma coisa.

Depois de um instante de silêncio, Zé Mário tenta se desculpar.

- O senhor... o senhor me desculpa. Acho que nem vai querer mais eu lá na venda, não é?

Mais uma vez, o homem demonstra a magnitude de seu caráter.

- Nada disso, Zé Mário. Seu lugar é lá, junto comigo. Na verdade, você é só mais uma vítima dessa repulsiva família.

Toca os ombros do rapaz e o chama para ir à venda.

- Venha, a gente tem que beber um trago para não explodir.

- Mas eu num tô acostumado...

- Um só não faz mal. Vai ajudar a suportar a dor.

Os dois chegam ao local e bebem uma dose de cachaça.

- Ah, assim está melhor – suspira o homem.

- E a Maria? O que eu vou fazer agora?

- Isso é complicado. Ameaçaram nós dois. O melhor é deixar correr o tempo. Vocês são muito novos ainda. Sabe, rapaz, a vida não gosta das coisas iguais. Um dia a situação muda e vocês voltam a se encontrar. Quem sabe esse dia não tá muito distante, não é?

- Obrigado, seu Juca. O senhor é um pai pra mim.

Theo dorme tarde e no outro dia não consegue acordar na hora certa. Quando desperta, olha para a outra cama e não vê Maria. Levanta-se apressada e sai pela casa à sua procura. Na cozinha, Adélia diz que a moça foi levar o café aos patrões. Assim, aproxima-se do local e disfarçadamente olha através da porta. A moça servia aos donos da casa, mesmo machucada. Ela estava mancando e de longe podia se ver as manchas dos braços e do rosto. Mauro folheava o jornal e reclamava do sumiço do seu canário. Vilma ouvia em silêncio, olhando a criada se deslocar com dificuldade. Constrangida? Quem sabe.

Os dias foram passando. Maria levava com resignação a vida. Realizava mecanicamente suas tarefas. Não conversava, não chorava, simplesmente deixava o tempo passar. Fora proibida de sair de casa; por motivo algum deveria se ausentar. Nem mesmo Theo foi mais à venda. À noite, no quarto, Theo tentava conversar com ela, ajudá-la de alguma forma, mas era inútil.

- Maria, fala comigo, ocê num pode continuar assim.

Ela apenas balançava a cabeça negativamente. Os olhos abertos voltados para o teto revelavam todo seu sofrimento, o quanto aquele fardo estava pesado para ela. A menina insistia:

- Eu ainda num saí, mas logo vou falar com o Zé Mário pra saber como ele tá.

Viver para ela era uma obrigação. Apenas mais uma tarefa que tinha de cumprir. E cumpria, desde o nascer do sol até a chegada do sono. Talvez este, o sono, fosse o melhor momento que tinha, pois nele não se lembrava de tudo aquilo que atormentava seu coração, não se lembrava de um sonho perdido, dos planos feitos com tanto carinho e que não pôde realizar, não se lembrava do nada que era sua existência. Assim, duas semanas transcorreram. Certa manhã, Theo foi acordada pela amiga.

- Theo...

- Hum, o quê?

- Eu vim me despedir docê.

Ainda sonolenta, a menina tenta entender o que acontecia.

- O que ocê tá falando?

Ajoelhada na beira da cama, a moça toca o braço da amiga.

- Prometa pra mim que ocê vai ser feliz...

- Mas pra onde ocê vai?

Chorando, ela responde:

- Eu vou pra um lugar onde ninguém nunca mais vai me encontrar.

Theo abraça-a fortemente.

- Me leva, me leva, por favor...

- Eu não posso – responde a moça – eu não posso.

Entre soluços, ainda diz:

- Não deixa aquele monstro te tocar nunca.

Com essas palavras, senta-se ao chão, com a tosse precedendo o início de uma convulsão.

- Maria... Maria... Maria!!!

Nada mais era possível fazer. Maria morre no colo de Theo, contorcendo-se pela dor.

- Não, Maria! Por favor, não!

Desesperada Theo se debruça sobre a amiga, molhando-a com suas lágrimas. Sobre a mesinha, ao lado da botija de água, assiste à triste cena um pequeno copo com restos de um líquido róseo ao fundo.

Para Theo, esse foi o dia mais triste de sua vida. Havia perdido para sempre a única amiga que tinha, aquela que a recebeu com tanto carinho e que era a sua única esperança de um dia ir embora daquela casa, da prisão em que vivia. Esses, no entanto, não eram os principais motivos de sua amargura. As dores do seu coração eram maiores devido ao fato de Maria não ter conseguido realizar o seu sonho de liberdade, seu desejo de ter uma vida normal, longe dali, ao lado de Zé Mário. O amor que tinha por ela era tão imenso que aqueles sonhos também eram seus, por isso chorava, nada mais conseguia fazer. Na verdade havia perdido um pedaço de si mesma e nunca, em momento algum, em qualquer lugar que por ventura estiver, poderá ser feliz com a mesma intensidade sonhada. Maria era o seu porto seguro, a quem recorria nos momentos de dificuldade; era a sua estrela-guia que a fazia caminhar no rumo certo, por isso chorava, nada mais conseguia fazer.

O corpo foi colocado sobre uma mesa no porão da casa. Sentada numa cadeira, Theo segurava as mãos da amiga cruzadas sobre o peito. Vez em quando Mauro e Vilma apareciam por lá.

- Eu já arrumei o caixão. Vai chegar daqui a pouco.

- Espero que tenha sido discreto como eu falei.

- Pode ficar tranquila.

A menina não ouvia as vozes direito. Parecia estar vivendo um pesadelo daqueles difíceis de acordar. Os sons exteriores chegavam aos seus ouvidos, mas não eram suficientes para acordá-la.

- Eu vou falar com o padre sobre o sepultamento.

- Não vai ser fácil, você vai ver.

- Ele nos deve obrigações. Vai ceder.

Como numa sala de espera de um hospital, as vozes pareciam distantes, vindas de algum corredor; mas, inaudíveis, misturavam-se às outras e fugiam. Assim ela se sentia mais sozinha, sem uma palavra amiga, sem um pequeno conforto naquele momento tão difícil.

- Não é melhor tirar essa menina daí?

- Deixa ela. Elas eram muito amigas.

Vilma adentra a paróquia local. Padre Raul, de costas para ela, faz o sinal da cruz diante de uma imagem suspensa na parede e se volta.

- Dona Vilma, é sempre um prazer recebê-la em nossa paróquia.

- Sua bênção, padre – diz ela, beijando a mão do sacerdote.
- Está quase chegando o dia da quermesse. A senhora veio...
- Não é sobre a quermesse.
- Não?
- Aconteceu uma fatalidade, padre. Nossa criada se matou.
- Maria? A mais velha?
- Ela mesma. Uma desilusão amorosa. Coisas que fogem ao nosso controle.
- Mas, como foi?
- Veneno. Ela se envenenou. Não houve tempo para a busca de socorros.

Fizemos o que podia ser feito.

- Não tenho dúvidas do seu zelo, dona Vilma. As fatalidades acontecem, mas nada que fuja do controle de nosso Senhor.

- Agora estou tomando as providências necessárias para o sepultamento.

- Esse é um problema, um grande problema – diz o padre, franzindo a testa.

- Pois é, gostaria que tudo acontecesse sem as habituais formalidades, sem muito embaraço.

- Não me refiro a isso, dona Vilma, mas sim ao suicídio. A situação não permite que a igreja faça o sepultamento em solo sagrado. A senhora me entende, não é?

- Entendo, padre, mas o senhor também me entende. Imagino que, mesmo sendo assim, algo possa ser feito.

- Mas, dona Vilma...

- Até hoje, o senhor não me decepcionou.

Padre Raul passa as mãos pelo rosto, pensa por um instante, mas sustenta a negativa.

- Dona Vilma, desta vez não depende de mim. Não posso burlar as regras da igreja; elas são soberanas, estão acima do meu sacerdócio.

- Então vai mesmo me negar esse favor? Esquece-se do que já fizemos e do que podemos fazer pela igreja?

- Sei de tudo isso e sou muito grato, mas infelizmente agora não posso retribuir.

A mulher suspira sua indignação e se volta para a saída.

- Que assim seja, padre. Nada mais tenho a dizer e nem o que fazer por aqui.

- Existe, sim, algo a se fazer ainda – afirma o padre.

- E o que é, por acaso?

- Preciso de sua permissão para ir até ao defunto e encomendar sua alma aos campos celestiais.

- Seja breve, então. Estou ansiosa para acabar com tudo isso.

Padre Raul chega ao porão da residência dos Salgado. A cena era triste. Sobre a mesa, o corpo de Maria esperava. Ao seu lado apenas Theo, mais ninguém. A menina, agora, acariciava suavemente os cabelos caídos nos ombros da amiga. Um soluço baixinho, porém constante, era o único som existente no local.

- Minha filha...

- Padre?!

A menina se levanta.

- Só você está aqui?

- Só, padre.
- E a família de Maria?
- Ela num tem. Era só ela...

O sacerdote nota a enorme tristeza nos olhos e na voz da menina.

- Deus sabe o que faz, minha filha. Ele certamente tem um lugar muito melhor para nossa amiga. Vamos orar, nós dois, pela alma dela.

Theo cruza as duas mãos e abaixa a cabeça. O padre inicia a oração:

- Senhor da Eternidade, provedor do destino de todos nós! Receba esta alma pura em seu campo santo. Nossas orações a encaminham até vossos braços...

Vilma não acompanhou o padre ao porão. Em seu escritório, ao lado de Salgado, tomava as novas providências para o sepultamento.

- Só nos resta esta alternativa, Salgado. Temos muita terra. Use a carroça e leve junto Manoel. Escolha uma das fazendas e resolva logo esse caso.

- É preciso esperar um pouco mais, Vilma. Ela morreu de manhã.

- Não tem o que esperar. Vá arrumando as coisas. Logo que o padre sair, suma com o corpo dessa casa.

- Vou chamar o Manoel. Ele vai pegar o cavalo...

O sol da tarde apareceu para testemunhar o fato. A carroça se distanciava levando um séquito com apenas dois seguidores e deixando, em frente a casa, uma inconsolável menina com as mãos no rosto. Duas horas depois, a carroça diminui sua marcha.

- Ali, Manoel. Naquele morro.

A elevação se destacava junto à paisagem. Cercada de árvores rasteiras, tinha o terreno coberto por capim. Dali podia se ver diariamente o sol se esconder detrás do horizonte. Era o local escolhido para a última morada de Maria. O enxadão se elevou revolvendo a terra, enquanto Mauro olhava o infinito sentindo um estranho aperto no coração. Já havia participado de muitos casos ao lado de Vilma, algumas atrocidades cometidas, mas aquele havia superado todos os outros.

- O senhor ajuda trazer o caixão, seu Salgado?

- Ah, claro.

Maria foi colocada na sepultura e o enxadão recomeçou a trabalhar, tapando o buraco. Mauro se abaixa, pega um punhado de terra e joga dentro da cova. Aquela atitude representava mais que um costume naquele momento de despedida; em seu íntimo, era um silencioso e talvez tardio pedido de perdão. Uma cruz improvisada finca-se sobre a terra, ferindo, sangrando frustrados sonhos de liberdade.

Numa cidade pequena, as notícias se espalham rapidamente. Os moradores carregam consigo a facilidade de descobrir e compartilhar os acontecimentos. Quase nada consegue ficar escondido por muito tempo, principalmente os fatos trágicos. Para muitos, parece ser motivo de satisfação propagar uma arrelia, um adultério, uma

separação, uma morte. E na venda de Juca, as notícias chegam primeiro, nas primeiras horas do dia.

- Bom dia, seu Juca.

- Vai chegando, Afrânio. Tá indo pra roça?

- Isso mesmo. Preciso de sal, açúcar e aquelas palhas de pito que o senhor tem por aí.

- Já vou providenciar. Só vou abrir essa janela aqui para o sol entrar. Ele traz vida pra nós, não é Afrânio?

- É verdade. Pena que nem todos poderão ver esse sol nascer hoje.

- Mas, morreu gente na cidade?

- E não é que morreu? Ontem mesmo.

- Mas eu não vi movimento algum.

- Não houve enterro. Bem, eu acho que houve.

O vendeiro se encabula.

- Uai, o senhor parece meio confuso.

- Bem, foi minha mulher que me contou. A vizinha ficou sabendo que alguém encomendou um caixão e começou a fuçar. No fim da tarde descobriu que o problema aconteceu lá pros lado dos Salgado. Uma das suas criadas, a Maria, tomou veneno. Mas ninguém viu velório, nem sepultamento, nem nada.

- Então a Maria morreu?

- É, mas não é coisa de estranhar. Todo mundo sabia que ela era maltratada por lá. Aquela família é muito estranha.

Juca preocupou-se com Zé Mário, que ainda não havia chegado para o trabalho.

- Bom, vamos lá. Quantos quilos de açúcar? E de sal?

O freguês foi atendido, montou em seu cavalo e saiu. Zé Mário chega naquele momento e Juca aproveita para sair e esclarecer o caso.

- Aonde o senhor vai cedo assim?

- Vou ver o padre. Já volto.

Na paróquia, o homem espera um instante até a porta ser aberta.

- Bom dia, padre. Desculpe incomodar nesta hora do dia.

- Não tem problema. Eu já me levantava. Do que se trata?

Juca faz o seu relato e recebe do sacerdote a confirmação.

- Eu não deveria dizer, seu Juca, mas como se trata do senhor, um homem sensato, posso revelar que a moça realmente se matou. Por isso não houve sepultamento no cemitério da cidade.

- E nem velório, pelo que sei.

- A família Salgado é bem discreta, o senhor sabe.

- Eu sei o que aquela família é – responde indignado o homem.

- Muito bem, seu Juca. Espero não ter cometido um erro confirmando a notícia.

- Não se preocupe, padre. Seu nome será preservado.

- Eu agradeço.

No caminho de volta à venda, Juca tinha agora uma dolorosa missão a cumprir: relatar a morte a Zé Mário. Sua preocupação, no entanto, pouco durou. Um novo freguês chegou, ao mesmo tempo que ele, espalhando a recente notícia.

- Está sabendo, seu Juca, que a criada mais velha dos Salgado morreu? Bebeu veneno!

Zé Mário se assusta.

- Maria? Maria morreu?

- São os boatos por aí...

- Eu preciso ir lá pra ver se é verdade – apressa-se o rapaz, contornando o balcão.

Juca intervém, tentando acalmar seu ajudante.

- Espere, Zé Mário. Eu tenho a confirmação e ia te dizer.

- Então é verdade? A Maria morreu?

- Infelizmente. Ela se matou.

- Eu preciso ver ela. Vou lá agora.

- Não vai adiantar. Ela morreu ontem e já foi sepultada.

- Mas ninguém ficou sabendo.

- Aquela família escondeu o caso. A gente só podia esperar isso deles.

O rapaz senta-se em um tamborete com o rosto entre as mãos.

- Eu queria ver ela. Pelo menos mais uma vez...

Juca se aproxima, colocando a mão esquerda no ombro do rapaz.

- Pode chorar, meu filho. Num é vergonha não.

Padre Raul sabia que aquele seria um dia difícil. O caso da morte da criada dos Salgado teria alguns desdobramentos, e o sacerdote inevitavelmente seria procurado. A paróquia receberia visitas; algumas por curiosidade, outras em busca de conselhos e até mesmo de perdão. Uma mulher coloca o joelho direito no chão, faz o sinal da cruz e se encaminha rumo ao altar. Com a imagem de Cristo às costas, o sacerdote a aguardava no fim do corredor.

- Senhorita Don'Ana. Seja bem-vinda à casa do Senhor.

- Padre Raul. Hoje, mais do que nunca, necessito de sua bênção.

O homem estende a mão para o costumeiro beijo.

- O que a aflige tanto, senhorita?

A mulher se esforça para colocar no rosto a amargura necessária àquele momento.

- A criada...

Antes de concluir a frase, ainda esfrega os olhos em busca de uma lágrima que ainda teimava não aparecer.

- A criada dos Salgado. Fui eu quem descobriu o namoro.

- Acalme-se, Don'Ana. Conte-me a história desde o começo. Prefere que seja no confessionário?

- Não é preciso. Confio no senhor.

Finalmente a lágrima chega.

- Fui eu quem contou para Vilma sobre o namoro de Maria e Zé Mário. Aconteceu assim...

A história foi relatada com todos os detalhes, inclusive o duro castigo imposto por Vilma à criada.

- Eu pensei que contando a ela sobre o romance estaria ajudando. Nunca imaginei que acabaria assim. E agora? Não sei o que fazer.

Padre Raul recorre a uma citação bíblica para emitir o seu conselho.

- Em Mateus 15, está escrito que “O que contamina o homem não é o que entra na boca, mas o que sai da boca, isso é o que contamina o homem”. Do seu coração, Don’Ana, procedem todos os pensamentos, inclusive os maus.

- Deus vai me castigar...

- Ele é maior e lhe concederá o perdão. Ande sempre pelo caminho reto e receberá de Sua graça. E ore pela alma de Maria...

A mulher enxuga os olhos e sai. O padre, voltando-se para a imagem no altar, murmura:

- Todos nós temos uma parcela de culpa, coniventes com esse e com outros casos.

A mansão dos Salgado entristeceu-se com a morte de Maria. Havia um silêncio espalhado pelos cantos da casa, que ultrapassava as escadas e alcançava o jardim. Para Theo, a ausência da amiga era mais que solidão, era melancolia profunda custosa de suportar. Durante o dia, dedicava-se totalmente às tarefas habituais. Era a maneira que tinha para levar a vida, para conter as lágrimas que frequentemente caíam. À noite, no entanto, tudo ficava mais difícil. Ao seu lado, a cama vazia esperava por Maria que nunca chegava. A colcha de retalhos estendida era feita, na verdade, por pedaços de sonhos não realizados. Em pé no meio do quarto, olhava para os quatro cantos das paredes, uma verdadeira prisão agora bem mais amarga de suportar com a falta de Maria. As horas não passavam, e cada minuto servia para recordar todos os momentos que viveram juntas, as dores que suportaram juntas e só por isso foram superadas. Naquele quarto, olhando a dança das chamas de uma vela que queimava na cabeceira da cama, percebia o quanto estava abandonada, o quanto estava sozinha. O cansaço do trabalho era seu aliado, fazia o sono fechar os seus olhos e apagar de sua mente, por algumas horas, toda a tristeza e a saudade que vivia.

Os motivos da morte de Maria ficaram conhecidos na cidade; todos se comoveram, mas o caso foi abafado, como inúmeros outros, pela força do dinheiro, pelo poder que a família Salgado exercia na comunidade ao longo de tantos anos. Vilma levava a vida como se nada tivesse acontecido. Não havia perdido seu ar insolente e o desfilava pela casa. Quando falava com Theo ou passava por ela nos corredores e seus olhos se cruzavam, a mulher sentia que era temida, mas ao mesmo tempo acusada pela morte da amiga. Esse olhar ela não perdoava e descontava a sua raiva com o uso do chicote. Chorando, a menina perguntava:

- Mas, por que eu tô apanhando?

- Você sabe o motivo, você sabe!

Mauro Salgado carregava consigo o fardo do arrependimento, mas não se deixava abater. Caminhava altivo pela cidade mantendo as aparências. Precisava, no entanto, desabafar, falar dos seus desacertos, dos pensamentos que o incomodavam. Não tinha amigos para essas horas, e sua esposa não era a pessoa indicada para ouvi-lo. Num encontro casual com Juca, no coreto da praça, o homem encontrou parte

do apoio que precisava. A noite era quente e a maioria das pessoas buscava o ar fresco das ruas.

- Boa noite, seu Juca.

- Boa noite. Então os Salgado também sentem o clima abafado da cidade?

Foi nítido o ressentimento demonstrado nas palavras do homem. Mauro tenta elaborar uma defesa para si, ou pelo menos um clima melhor para a sequência da conversa.

- Compreendo o rancor dispensado à nossa família, seu Juca, no entanto as coisas nem sempre parecem ser como são.

- Está muito claro como as coisas aconteceram. No fim de tudo eu ainda fui ameaçado e meu funcionário, espancado.

- Nisso o senhor tem toda razão – concorda o homem, balançando e, em seguida, abaixando a cabeça.

Juca percebe um lampejo de pesar pelos erros cometidos e enfraquece por um momento sua atitude defensiva.

- Parece que o senhor quer me dizer algo, seu Salgado. Pode dizer.

- Talvez eu nada queira revelar, quem sabe apenas conversar, falar sobre a vida.

- E o que é a vida para o senhor? O que ela representa?

- Uma pergunta difícil, pelo menos para mim.

- Para mim é muito claro – explica Juca – A vida é um espaço de tempo, um pedaço da eternidade que todos nós ganhamos com a condição de selecionar nossas atitudes, aprimorar nosso caráter e purificar, assim, nossa alma. Esse é o sentido de nossa existência.

- Uma excelente definição, seu Juca. De grande utilidade para todos. E, com certeza, para mim também.

Olhando para o lado, evitando o confronto de olhares, Mauro finalmente desabafa:

- Eu participei do sepultamento. Não foi agradável e o fato ainda me incomoda.

Juca coça o queixo, demorando-se um pouco em busca das melhores palavras.

- Isso demonstra que o senhor não guarda no coração toda a maldade já conhecida e que, em parte, não é real a imagem ruim que tenta passar.

E aproveita para dar um conselho:

- Há sempre tempo para a mudança, seu Mauro.

Os olhares novamente se cruzam.

- É sempre bom ouvi-lo, seu Juca. Guardarei suas palavras. Boa noite.

- Fico contente em saber. Boa noite e bom passeio.

Na tarde do próximo dia, Theo preparava o chá para servir à patroa. Todo cuidado era necessário para sair como ela gostava, principalmente nas ocasiões em que recebia visitas.

- Don’Ana, que prazer! Você demorou aparecer.

- Como está, Vilma? Eu quase não saí depois de tudo o que aconteceu. Ainda estou meio abalada.

Vilma não gostou do comentário.

- Fatalidades acontecem. Não há como evitá-las.

Don'Ana notou a irritação da dona da casa.

- Desculpe ter tocado no assunto. A verdade é que me sinto culpada pelo acontecimento.

- Culpada? Nada disso, minha amiga. Não temos culpa. Aquela inconsciente procurou sua desgraça com as próprias mãos.

- É, você tem razão.

- Então vamos mudar a conversa.

- Eu gostaria apenas de convidar a amiga para rezarmos um terço em intenção daquela pobre alma – insiste Don'Ana, retirando um rosário de sua bolsa.

Vilma aprova a iniciativa.

- Sou uma religiosa e sei que as orações são remédios para todos os males. Faremos como sugeriu.

Neste momento, Theo adentra a sala levando o chá. Vilma propõe:

- Primeiramente o chá, já que ele chegou.

- Como quiser, minha amiga.

A menina serve o chá, enquanto Don'Ana observa sua amargura.

A noite era agitada na Casa da Rita. Jogos, mulheres bonitas, cigarros e muita bebida. Numa das mesas, Juca distribuía as cartas em companhia de mais três habituais frequentadores do local. Num dos quartos, Mauro Salgado, ainda chateado com os últimos acontecimentos em sua casa, gira o corpo e senta-se na beira da cama. Sua acompanhante o abraça pelas costas, roçando as mãos em seu peito nu.

- O que foi que aconteceu?

- Nada, acho que eu bebi demais.

- O que posso fazer pra te estimular?

- Nada.

- Deixa eu tentar.

- Não. Por favor, para.

O homem pega sua carteira no bolso da calça.

- Aqui seu dinheiro.

No balcão próximo à entrada, Petrônio sorria, trocando abraços com uma meretriz.

- Serve aí mais uma dose, Rita.

Do outro lado do balcão, a dona do bordel alerta:

- Não chega por hoje, Petrônio? Acho que já bebeu muito.

- Uai, Rita, parece que você não conhece o papai aqui. Ainda falta muito para me derrubar.

- Você que decide, meu amigo. Quem paga tem o direito – diz a mulher, servindo o uísque.

- Isso mesmo. Hoje nada atrapalha minha alegria, nem mesmo aquele crápula do Salgado.

- Lá vem você de novo falando no homem.

- Não se pode chamar de homem aquela escória de gente.

- Esqueça o que aconteceu entre vocês, meu amigo. É melhor pra você.

- Um homem de verdade não esquece certas coisas, Rita. Você já devia saber.

Petrônio rouba um beijo da acompanhante e toma a dose da bebida.

- Ainda bem que ele não chegou até agora. Hoje não suportaria a sua soberba.

- Engano seu, meu amigo. Ele apareceu mais cedo e está no quarto com a Soraia.

Coincidentemente, naquele momento, a cortina se abre e surge a figura de Mauro Salgado, trazendo à frente seu conhecido cachimbo. Ele adentra o salão, observando o ambiente. Do lado oposto, Petrônio interrompe seu sorriso e afasta com a mão esquerda a mulher. Rita o alerta:

- Veja lá o que vai fazer, hein!

O rapaz se adianta, postando-se no caminho de Mauro. Seus ombros se tocam na passagem e eles se voltam, ficando de frente um para o outro. Petrônio sorri.

- Olha só que tá aqui, se não é o Salgado!

Mauro percebe a ironia na voz e fecha o semblante. Petrônio insiste na provocação:

- Que cara é essa, Salgado?

Em silêncio, o homem tenta se esquivar, mas a mão aberta de seu oponente toca-lhe o peito.

- Vai dizer que as cabrochas daqui não estão na idade que você gosta?

Mauro se contém, força a passagem, coloca o cachimbo na boca e caminha em direção à saída. Um sorriso irônico o detém.

- Já vai embora, não é? Já sei, já sei. Vai lá para o seu alçapão conferir se você pegou mais uma... “passarinha”, não é?

O homem que ouvira de costas toda a provocação, se volta. Petrônio vai além:

- Olha só para você! Seu porco!

A reação vem rápida e violenta. Um soco acerta o rosto do rapaz e o derruba. Em meio aos gritos das mulheres, Mauro saca de um revólver e aponta para o seu adversário estendido no chão. A consumação do ato parece inevitável, mas antes do homem apertar o gatilho, certa mão toca seu braço e uma voz o interrompe:

- Abaixa essa arma, seu Salgado.

Juca, da mesa próxima, havia se lançado na linha de tiro, interrompendo momentaneamente a ação. Petrônio se levanta, mas o revólver continua apontado para o seu peito. Juca insiste:

- Abaixa a arma, seu Salgado. Por favor.

Petrônio tenta argumentar, mas logo recebe um conselho:

- Vá pra casa, meu filho. Vá pra casa.

Inconformado, o rapaz vai saindo. O caso, no entanto, não havia se resolvido.

- Guarda a arma, seu Salgado. Eu tô pedindo.

Finalmente o revólver é recolocado na cintura, debaixo do paletó. Uma cadeira é oferecida ao homem.

- Senta aí, esfrie a cabeça.

Uma dose de cachaça é oferecida a Salgado que se acomoda, coloca o chapéu sobre a mesa e, depois de um instante, desabafa:

- Você sabe qual é a diferença que existe entre o homem e o rato, seu Juca?

Sem esperar a resposta, toma a dose de bebida e explica:

- É a coragem. A coragem! O rato acuado é capaz de enfrentar seu inimigo de igual pra igual, mesmo diante da iminente destruição.

Juca abaixa a cabeça, refletindo a mensagem.

- Olha pra mim, seu Juca. O que o senhor vê? Um homem ou um rato?

Com a sua calma peculiar, o homem responde:

- Em minha humilde opinião, a diferença pode ser essa, mas um homem de verdade sente medo de vez em quando e nem por isso se envergonha; pelo contrário, sentir medo de vez em quando e passar por cima desse medo é ter muita coragem antes de tudo. O que separa, o que distingue um homem do outro é... o brio na cara. É o caráter, é o respeito que ele tem com o seu próximo.

Exibindo um amável sorriso, Juca prossegue sua explanação:

- Quando eu vou descarregar um caminhão de mercadorias lá no armazém, sozinho, eu e Deus, sabe o que faço? Eu simplesmente começo pegando os mais pesados, os maiores. Tô mais descansado. O homem tem que saber a hora certa de escolher os pesos que ele tá disposto a carregar.

Mauro respira profundamente.

- É, e quando a carga tá pesada demais, seu Juca, o que o homem tem que fazer?

- Seu Mauro, quando os braços amolecem, a carga fica pesada demais, eu simplesmente deixo tudo pra lá e, com muita humildade, sem nenhum tipo de medo ou arrogância, eu peço ajuda.

- E quando não se tem pra quem pedir ajuda, seu Juca?

- Não, seu Mauro, sempre tem alguém por perto, disposto a nos socorrer, a nos dar qualquer tipo de ajuda. Sempre tem. Basta a gente olhar com um pouco mais de atenção.

Mauro toma mais uma dose de bebida e continua ouvindo.

- Agora olhe para mim, seu Mauro. O senhor me perguntou o que eu estava vendo em minha frente. Eu vejo um homem cheio de remorso, um homem que está com os braços cansados, enfadado da carga pesada e tá urgentemente precisando de ajuda. Ajuda que pode vir das pessoas que o senhor menos espera.

Ainda muito abatido, o homem pega seu chapéu, levanta-se e vai embora. Os dissabores daquela noite, no entanto, não haviam terminado para ele. Chegando em casa, empurra a porta da sala e entra. Ao jogar o paletó e o chapéu sobre o sofá, percebe que não está sozinho. De uma das poltronas, voltada para a parede, alguém se levanta.

- Vilma, o que faz acordada até esta hora?

- A mesma pergunta serve para você. E ainda posso acrescentar: onde você estava até esta hora?

- Olha aqui, Vilma, eu estou muito cansado pra ficar aqui discutindo com você.

- Ah, claro que você não quer falar sobre o assunto. Mas eu sei onde estava: lá na zona do baixo meretrício, não sai de lá.

Olhando para a esposa, o homem risca um fósforo e acende seu cachimbo. Vilma continua a falar:

- Aposto que se eu chegar perto de você, além do mau cheiro da cachaça, vou sentir também o perfume barato daquelas vagabundas.

Balançando o palito de fósforo para que se apague, Mauro responde já irritado:

- Mulheres! Mulheres! Elas falam demais. E escolhem os momentos mais inoportunos para encher o saco da gente. Mas tudo bem. Diga aí o que você quer saber.

Vilma fica em silêncio por um instante.

- E aí? Não vai dizer nada? Então eu digo duas coisas. A primeira é que não gosto que fique me esperando e a segunda é que eu vou aonde quiser e chego a hora que desejar. Está entendido? Agora vou me deitar.

Mauro vira as costas e caminha em direção ao quarto. A mulher volta a falar.

- Ainda tenho algo a dizer.

- Então diga logo.

- Sobre essa sua imoralidade falaremos depois. Hoje me preocupa uma carta que recebi. Angelina está vindo nos visitar semana que vem.

- E daí? O que eu tenho com isso?

- Você sabe que eu odeio esses inconvenientes. Ainda mais se tratando de quem é. Sabe o que mais? Está vindo se divorciar!

O homem se irrita mais uma vez.

- Ô, Vilma, para de me torrar a paciência com a história dessa “parentaiada” sua. O casamento é problema dela, o marido é problema dela, o divórcio é problema dela, e ela é prima sua. Portanto, é problema seu!

Com essas palavras, sai em direção ao quarto. A mulher ainda diz, elevando a voz:

- Pensei que você ia ao menos se importar com a minha preocupação. O que vão pensar de mim recebendo essa messalina em minha casa? Eu tenho uma reputação a zelar, Mauro.

Diariamente, Theo servia a patroa, lavava e passava roupas, limpava toda a casa, varria o quintal, alimentava os porcos e lavava o chiqueiro, subia e descia escadas carregando baldes com água, entre outras inúmeras atividades. Agora trabalhava sozinha e, por isso, precisava usar parte da noite para terminar o serviço, como sempre supervisionado por Vilma. As ordens eram constantes e ela obedecia, pois nada mais lhe restava fazer. Abandonada naquela casa, cansada do árduo trabalho, sem poder sair, sem ninguém para conversar, já havia desenvolvido o mesmo olhar triste de sua inesquecível amiga. Quanta falta ela fazia! Não podia imaginar o quanto seria difícil levar a vida sem ela, sem as suas brincadeiras, os seus sorrisos, os seus abraços. A única alegria que ainda lhe restava era o momento de

alimentar os cães, dois enormes cães de guarda, presos durante o dia nos fundos do quintal. Sempre que ela chegava, eles corriam em sua direção, felizes com a sua presença. Ela os abraçava e os acariciava. Eram agora os seus únicos amigos. Seus problemas, no entanto, fatalmente aumentariam. Seu corpo, já formado, destacava-se sob o mesmo antigo e surrado vestido branco, chamando cada vez mais a atenção do dono da casa. E mais uma noite chegou. Cansada do árduo trabalho, Theo deitou-se e adormeceu tentando ler uma das velhas revistas que havia no quarto. Mauro tinha saído mais cedo para jogar cartas e beber. Na volta, aproveitou-se que a esposa havia dormido e caminhou, ainda tomando uma dose de uísque, para o quarto da criada. A porta foi vagorosamente empurrada. A fraca luz da vela iluminava o local. O homem deu um passo à frente e ficou observando por instante o corpo da menina coberto por um lençol. Aquele era o momento ideal para satisfazer seus pecaminosos desejos. Quando pensou em fechar a porta e se aproximar, a luz do quarto pareceu se intensificar e ele viu, de relance, o rosto de Maria sobrepondo o rosto de Theo. Mauro se assustou e deixou cair o copo de bebida. Com o barulho a menina acordou e, vendo o homem na porta, instintivamente gritou por socorro, encolhendo-se no canto da cama. O grito acordou Vilma que, em um minuto, apareceu segurando uma lamparina. Mauro, naturalmente, não estava mais por lá.

- O que houve aqui?

Tremendo pelo susto, abraçada ao travesseiro, Theo não conseguiu contar a verdade. O enorme medo que a mulher exercia sobre ela fez com que inventasse uma desculpa qualquer.

- Nada. Foi só um pesadelo. Desculpa acordar a senhora.

A mulher ultrapassou a porta, segurando à frente a lamparina. Logo avistou o copo tombado ao chão a dois passos dela. Olhou para Theo que continuava encolhida sobre a cama, pegou o copo, olhou mais uma vez para a menina e saiu sem dizer uma palavra. Seu olhar acusador, no entanto, dizia tudo. A mensagem era clara e Theo sabia o que a esperava. Só restava a ela... rezar.

Logo que o dia amanheceu, a menina foi chamada ao escritório. Era lá que as surras aconteciam. O copo de bebida da noite anterior estava sobre a mesa e foi deslizado lentamente em sua direção.

- Nós só vamos falar sobre isso hoje, agora e nunca mais. Sua vagabunda! Você vai aprender a me respeitar.

Tomada por uma fúria insaciável, Vilma descia sem piedade as correias do chicote nos braços, nas costas, nas nádegas e nas pernas da criada que, dessa vez, não chorou nem gritou. Aguentou em silêncio as chibatadas, apenas deixando rolar suas lágrimas. Apanhava por algo que não devia, por um motivo injusto em que ela era a única vítima e nada podia fazer. A revolta que sentia se transformava em seu maior castigo.

Uma nova visita de Don'Ana aconteceu, no dia seguinte, à residência dos Salgado. Ela foi recebida com a costumeira amabilidade.

- Don'Ana, bom que você chegou. Parece mais alegre hoje.
- Olá, minha amiga. Não nego sua observação.
- Entre e me conte o motivo. Está até de roupa nova, se não me engano.

As duas chegam à sala.

- Sente-se e vá logo me contando. Estou curiosa.

A mulher se ajeita na poltrona e abre um largo sorriso.

- Ora, talvez não seja nada, mas...

- Mas?

- Sabe aquele rapaz elegante que mora abaixo da praça, aquele alto, com jeito de artista de cinema, o Petrônio?

- Hum! Estou entendendo agora sua alegria. Acho que sei quem é.

- Pois então, já é a terceira vez que ele fica me olhando quando atravesso a praça para vir aqui. Hoje aconteceu de novo.

- Mas olha só! Minha amiga despertando corações. É solteiro?

- Solteiríssimo! Dizem que mora sozinho. As invejosas da cidade me disseram que ele não sai da Casa da Rita. Mas tudo bem, é porque ele não me conhece ainda.

Vilma sorri.

- Só você, Don'Ana, para tirar o tédio desta casa. Tem mais alguma novidade?

A mulher olha para o lado, como se certificasse da privacidade do local e diz, abaixando a voz:

- Contaram!

- O quê?

- Contaram para o marido da Tereza sobre o caminhoneiro. Ainda bem que eu estava bem longe. A mulher levou uma sova daquelas!

- Verdade?

- "De vera"! Ela nem foi à missa ontem, devido às manchas no rosto.

- Quem sabe agora ela "abaixa o facho", não é?

- A Tereza? Eu não acredito. Acho que a novela ainda tem muitos capítulos. Está parecendo aquela do rádio, "O Direito de Nascer".

- Bom, vamos esperar. Qualquer novidade você me fala?

- Combinado. E por aqui?

- Tirando a futura visita de minha prima Angelina, tudo igual.

- Sua prima? Eu conheço?

- Acho que não. Vem da Capital tratar do seu divórcio. O ex-marido tem alguns bens por aqui.

- Ah, sim. Bonita?

- Bem conservada. A sabida sempre levou uma vida boa com ou sem marido, você me entende?

- E como entendo. Se tiver oportunidade, gostaria de conhecê-la.

A mulher era alta, loira, de seios fartos e corpo atraente sob um fino vestido estampado. Colar, brincos de pérolas e uma bolsa demonstravam o bom gosto da recém-chegada.

- Prima, que prazer em recebê-la! Sente-se.

Angelina adiantou-se, puxando uma cadeira ao redor de uma bela mesa coberta por um forro de rendas.

- Conte-me como andam as coisas na Capital – diz a anfitriã, balançando o pequeno sino para chamar a criada.

- Agitadas, como sempre – responde a visita – Mas não vou ficar por muito tempo. Vim apenas finalizar a questão do divórcio. Não quero lhe dar trabalho.

- Mas o que é isso! Não se incomode.

Neste momento, Theo adentra a sala carregando uma bandeja para servir o chá. A menina estava toda diferente usando um vestido novo e muito bonito, com babados na altura dos ombros. Um sapato combinando e os cabelos penteados, logo observada pela mulher. Era ordem de Vilma, que tentava manter as aparências. O diálogo foi retomado.

- Eu sinto tanto por você, tão jovem, tão bela e ter que passar por tudo isso.

- Ora, Vilma, deixe de bobagem. Olhe pra mim, veja como estou bem. Aquele homem é um traste. Eu vim pra me livrar de um peso.

A mulher sorri, mas logo faz uma expressão séria ao ver uma mancha escura no braço direito da criada, quando esta lhe servia o chá. Vilma percebe e se sente um pouco constrangida. Angelina comenta:

- Então, vejo que ainda cuida de crianças desamparadas. É muito nobre de sua parte.

- Você sabe, eu tenho o coração mole. Como eu não tive filhos... Deus não me deu esse privilégio... Sabe-se lá por que, não é?

- Você parece ficar muito sozinha por aqui, não?

- Nem tanto. Minha amiga Don'Ana sempre me faz uma visita e me deixa a par das novidades.

- Sendo assim... Bem, amanhã cedo irei ao cartório.

- Eu a acompanharei.

- Não é necessário. A cidade é pequena.

Angelina preocupou-se com a criada. Tentou falar com ela no restante da tarde e à noite, mas Vilma estava sempre por perto e não lhe deu a oportunidade. Notou apenas que a menina cuidava de muitas tarefas, acima de suas possibilidades, e estava sempre triste. No outro dia, no caminho para o cartório, tomou uma decisão. Ia procurar Don'Ana, para saber como Vilma agia com a criada. Não foi difícil encontrar a mulher, que era bastante conhecida na cidade.

- Bom dia. Procuo por Don'Ana.

- Sou eu mesma. De que se trata?

Angelina foi convidada a entrar e logo informada da real situação da menina Theo. Ficou sabendo dos abusos de Mauro, do suicídio de Maria e das constantes surras de Vilma na atual criada.

- Ela estava bem vestida devido à sua visita. Para passar a falsa impressão de que ela é da família.

- Meu Deus!

- Pois é, a Vilma é uma pessoa perturbada. Pobre criança! A menina corre risco naquela casa.

A par dos acontecimentos, a mulher se encaminha para a saída.

- Foi um prazer conhecê-la, Don'Ana. Espero que mantenha em sigilo nossa conversa.

No meio da tarde, Angelina retorna à mansão dos Salgado. Theo foi abrir a porta e a mulher teve, enfim, um momento a sós com a criada. Trazia uma boneca parcialmente escondida nas costas.

- Queria mesmo te ver. Olha o que eu trouxe.

Theo recebe a linda boneca com surpresa e imensa alegria. Nunca teve uma antes; seus brinquedos eram feitos de trapos e sabugos de milho. A menina não conteve a emoção e começou a chorar. Angelina toca suas mãos com carinho. Nesse instante, surge Vilma no alto da escada.

- Prima, que surpresa! Algum problema?

- Nenhum problema, prima. Vim apenas me despedir. A papelada ficou toda pronta e sigo hoje ainda para a Capital.

Durante a conversa, Theo sobe as escadas, mas no final Vilma a detém, reiniciando o diálogo:

- Vejo que trouxe um presente para a menina. Muito gentil de sua parte.

E, dirigindo-se à criada, ordena:

- Theolina, agradeça.

- Obrigada – responde baixinho.

- Não tem de quê. Soube que você é uma ótima costureira, e eu quero ver nessa boneca um vestido novo.

Por cortesia, Vilma faz um convite:

- Suba, prima, para tomar um café.

A mulher aceita para que Theo tenha um pouco de tempo longe da patroa.

- Acho que dá tempo. Ainda tenho alguns minutinhos.

Theo aproveita e corre para o seu quarto com a boneca nas mãos. Senta-se na cama e se põe a brincar. Era imensa sua felicidade.

- Você vai se chamar Maria.

Observando melhor o brinquedo, percebeu que havia algo escondido sob o vestido. Abriu a costura e descobriu um bilhete e um bom valor em dinheiro. Leu apressadamente aquelas linhas e pensou logo em esconder. Colocou debaixo de um tijolo solto na parede do quarto, junto à chave que Maria lhe dera antes de sua fuga mal-sucedida. Voltou para a cama e continuou a brincar. Alguns minutos depois, ouviu passos na escada. Vilma havia dispensado a visita e chegava naquele momento em seu quarto. A cruel patroa se aproxima e arranca o brinquedo de suas mãos. Em seguida, olhando furiosamente para a criada, rasga o vestido da boneca e atira o restante no chão. Feito de porcelana, o brinquedo se quebra em vários pedaços. Esbravejando-se, a mulher ainda pisoteia os cacos. E o pior estava por vir. Theo foi puxada pelos cabelos até o escritório para mais um dos habituais castigos.

-Não! Não! Não!

A megera não teve piedade. A surra foi a mais violenta de todas. Chicotadas, sopapos e tapas jogavam a menina ao chão. Vários minutos de sofrimento se passaram. No fim, a coitada teve que se arrastar aos poucos até seu quarto, já que não tinha mais a amiga Maria para lhe ajudar. Com dificuldade, consegue sentar-se na cama. Vilma havia passada das medidas. Em sua pouca idade, não podia compreender por que levava uma surra tão grande apenas por ganhar um presente. Ela não tinha culpa alguma. Trabalhava o dia inteiro se esforçando para que as tarefas fossem bem cumpridas, no tempo estipulado, e era essa a recompensa que recebia. Seu corpo estava todo dolorido, o rosto machucado, as costas ardendo pelo sinal das correias. Não era possível continuar vivendo assim. Contorcendo-se pelas dores, lembrou-se de tudo o que já viveu naquela casa. O momento em que se despediu de seu pai e avistou Vilma pela primeira vez no topo da escada, as raras alegrias junto de Maria, o dia triste em que sua amiga faleceu em seu colo e, agora, os amargos instantes de cruel solidão. Não havia motivos para continuar a viver. Tremendo, pega o copo e o vidro de veneno sobre o armário. Vai até à botija e coloca um pouco de água. Decidida, com as duas mãos leva o copo à boca. No último instante, vem à sua mente a voz de Maria, repetindo a frase que lhe dissera no dia de sua morte: “Promete pra mim que ocê vai ser feliz.”

A menina levanta os olhos, afasta o veneno da boca e o despeja no penico ao lado da cama. Em seguida, contendo os gemidos, chega até ao tijolo solto na parede. De lá retira o bilhete recebido de Angelina. Abre e relê: “Este dinheiro é para você comprar uma passagem para a Capital e se alimentar no caminho. Abaixo, meu endereço e o número do telefone.” Duas lágrimas caíram no papel, manchando a tinta. Pegou também, no local, a chave que Maria lhe dera e ficou olhando-a suspensa na ponta dos dedos. Ainda havia uma chance e não só por ela, mas principalmente por Maria, precisava pelo menos fazer uma tentativa.

O dia seguinte era o esperado dia da quermesse. A cidade amanheceu com um belo sorriso, e todos os habitantes esperavam os primeiros foguetes que os convidariam para o evento. A missa das dezenove horas, preparada com muito esmero pelo padre Raul, daria início às festividades. Esse era o assunto preferido na venda de Juca.

- Dizem que a festa deste ano vai ser muito bonita.
- Não é de se admirar. Há boatos que a família Salgado desembolsou uma boa quantia. O que sabe a respeito, seu Juca?
- Apenas que todo ano eles oferecem uma contribuição. Quem sabe foram mais generosos desta vez.
- Que horas vai fechar a venda?
- Lá pelas cinco. Dá tempo para um bom banho, não é mesmo?

Quando os fregueses daquele momento saem, Juca inicia um diálogo com seu ajudante:

- Que horas você vai à festa, Zé Mário?
- Eu não vou. Fico em casa.
- Não mesmo?
- É, tô desanimado.

O homem percebe que o tempo ainda fora pouco para que o caso com Maria fosse esquecido.

- Faz um esforço. Vai ser bom pra você sair um pouco, ver as pessoas. Podemos ir juntos.

O rapaz franze a testa e abaixa a cabeça.

- Se o senhor não se importar, eu queria mesmo ficar em casa.

Juca balança positivamente a cabeça.

- Tudo bem, meu filho. Eu entendo o que está passando. Demora mesmo um pouco mais de tempo. Maria vai ser sempre lembrada por todos nós.

Em seguida, bate no ombro do rapaz.

- A vida é uma caminhada constante. E tem muitos barrancos pra subir. O segredo é não desanimar pelo caminho.

A missa estava prestes a começar. A paróquia, quase lotada de fiéis. Na residência dos Salgado, Mauro apressava a esposa.

- Vamos logo, Vilma. São quase sete horas.
- Não precisa tanta pressa. O padre não vai começar a missa sem nós.
- Não é bom abusar. Só as noivas podem chegar atrasadas na igreja.
- Falta só uma coisa. Pode me esperar lá no carro.

A mulher olhou-se mais uma vez no espelho, saiu do quarto e desceu a escada que dava acesso aos aposentos dos empregados. Theo havia acabado sua última tarefa e estava no quarto passando salmoura em algumas feridas. Vilma chega ao local, troca olhares com a menina e puxa a porta, trancando-a lá dentro. Ao chegar ao automóvel, Mauro indaga:

- Você demorou. O que estava fazendo?
- Trancando Theolina no quarto. Não quero que ela saia e seja vista daquele jeito por alguém.
- E precisava ter batido tanto nela assim ontem?
- Isso sou eu quem resolve. Toca pra igreja.

Quando o automóvel se afasta, Theo corre até a parede e afasta o tijolo solto. De lá retira novamente todos os pertences escondidos. Coloca no bolso do vestido o bilhete e o dinheiro. Em seguida, volta-se para a porta com a chave na mão. Lembra-se mais uma vez de Maria e uma vontade de sobreviver toma seu corpo por inteiro. Tem, no entanto, que conter o seu ímpeto, pois ouve vozes do lado de fora. Adélia e Manoel conversavam perto dali.

Vilma e Mauro tinham lugares reservados na primeira fila. As pessoas deram passagem e o casal se acomodou. A paróquia se encontrava repleta e, do lado de fora, tudo estava pronto para a grande festa ao ar livre. A praça toda enfeitada de bandeirolas, as barracas em pontos estratégicos com as comidas típicas, as prendas

para o leilão exibidas em volta do coreto e vários casais já enfeitados para a dança de quadrilha.

Na mansão, Theo esperou vários minutos e depois de certificar-se de que ninguém havia por perto, colocou seu braço pelo buraco da porta, junto à corrente, e alcançou o cadeado. Não era uma tarefa fácil acertar a chave no local certo, pois nada via do lado de fora e usava apenas uma das mãos. Seu coração batia forte, torcendo para nenhum dos outros criados passar por ali naquele momento. Na pressa de abrir, a menina se descuida e a chave escapa de sua mão. Pensando ter perdido sua única chance, abaixa e olha pelo buraco da porta. A chave havia rolado e estava um pouco distante para ser alcançada.

Enquanto isso, a missa havia terminado e as pessoas se espalharam pela praça, cada um no local que mais lhe agradava. Entre eles, com sua batina própria para a ocasião, padre Raul se locomovia, sorrindo e cumprimentando os fiéis.

- Está gostando da nossa festa, dona Vilma?

- Melhor que do ano passado, padre.

- Que bom que está do seu agrado. Bom divertimento, seu Mauro.

O padre se afasta e um casal se aproxima de braços dados.

- Olha só quem está aqui. Minha amiga Don'Ana.

- Como está, amiga? Vim apresentar-lhe Petrônio, do qual já lhe falei.

- Encantada. Vejo que escolheu muito bem a companhia.

De acordo com a direção do vento, a música executada pelos violeiros chegava até aos ouvidos de Theo. Sem conseguir alcançar a chave, a menina recua cansada e sem ânimo para uma nova investida. As dores do corpo consomem suas energias já escassas. Recostada de joelhos na cama ela começa a chorar. Um choro incontido e carregado de tristeza. Um brilho embaixo da fresta da porta lhe chama a atenção e ela para o choro repentinamente, por medo ou surpresa. No entanto, o pequeno brilho aumenta, tornando-se uma luz muito clara e o medo dá lugar a uma sensação de paz. Theo percebe a chave sendo empurrada na direção do quarto. Sem questionar a estranha ajuda e com suas forças renovadas, estica o braço e, após algumas tentativas, alcança a chave. Agora, com mais cuidado, a menina consegue destrancar o cadeado. Em seguida, pega sua caixinha de música, passa pela porta e a tranca pelo lado de fora. Silenciosamente sai pelos fundos e passa rente ao mangureiro. Mais adiante, os cães vêm em sua direção e lambem suas mãos como se fosse uma despedida. Mesmo com as costas doendo, Theo consegue subir em uma caixa e ultrapassar o muro. Do lado de fora corre como louca pela rua deserta. Seu objetivo estava próximo dali.

- Zé Mário! Zé Mário!

O rapaz abre a janela.

- Theo, o que tá fazendo aqui uma hora dessa?

- Eu tô fugindo. Você tem que me ajudar.

- O que quer que eu faça?

- Me leva até à cidade mais perto, por favor.

- Nossa! A dona Vilma vai me matar.

Theo começa a chorar.

- A Maria morreu por sua causa. Você deve isso pra ela.

O pedido é comovente e ele abre a porta.

- Entre aqui e me espere. Vou ver se acho meu amigo da camioneta. Deve tá lá na festa.

O rapaz corre e desaparece na esquina. Dentro da casa, Theo se ajoelha e começa a orar para que tudo desse certo. No mesmo instante, a dança da quadrilha espalha-se pela praça. Ao lado do coreto, Juca observava as prendas para o leilão ao lado de um amigo.

- Tem muita coisa boa este ano, não é mesmo?

- Ano farturento este. Até no futebol. Nossa seleção conseguiu levantar o caneco.

- É verdade. E quem mostrou categoria foi aquele moleque, o tal de Pelé.

O diálogo é interrompido por quatro senhores influentes da cidade.

- Seu Juca, aguardávamos esta oportunidade para termos uma conversa com o senhor. Queremos lhe fazer uma proposta.

- Boa noite. Mas o que um simples vendeiro pode interessar a tão ilustres cavalheiros?

- Não somos assim tão importantes. Na verdade defendemos o outro lado, o lado do povo.

- Pois bem, estou ouvindo. Qual é a proposta?

- Queremos que o senhor seja o nosso candidato a prefeito nas próximas eleições.

Completamente pego de surpresa, o homem arregala os olhos.

- Eu? Mas por que eu?

- Simples, seu Juca. O senhor é a pessoa mais indicada. Estamos observando os seus atos há bastante tempo. É um cidadão honesto, experiente, comunicativo e preocupado com o povo e a cidade. Nem é preciso acrescentar outras virtudes.

- Mas senhores...

- Juca é o único cidadão capaz de fazer frente ao candidato de nosso partido rival apoiado pelos Salgado.

O homem dá um longo suspiro e abre um sorriso.

- Ainda não me havia imaginado na política...

- É o meio mais adequado para ajudar a população, que é o seu grande desejo.

- Isso é uma verdade.

- Já temos o bordão da campanha: "Juca, o candidato do povo!"

- Vou pensar, senhores...

- Tem esta noite. Aguardamos o senhor amanhã, na sede do nosso partido, para planejarmos as primeiras ações. Passar bem.

- Estarei lá, logo depois de ter uma boa conversa com o nosso delegado.

Na quadrilha o rapaz não estava, no coreto não foi avistado também, de barraca em barraca era procurado ansiosamente. Até que...

- Zé Mário! Pensei que você não viria na festa.

- E eu num vim mesmo.

- Mas, não tô entendendo. Você não tá aqui?

- Depois te explico. Eu tava te procurando. Preciso da sua camioneta.

- De novo? Olha lá o que vai fazer, hein? Toma a chave.

Em poucos minutos, Zé Mário estaciona defronte sua casa. Theo abre a porta e se apressa.

- Graças a Deus! Vamos logo.

- Só um instante. Tenho que pegar uns documentos.

Mauro distanciou-se um pouco de Vilma, com um copo de bebida na mão, olhando algumas mocinhas que passavam. A mulher seguiu, esquivando-se das pessoas até próximo à fogueira, uma das atrações da festa. O fogo, antes alto, agora exalava uma fumaça fina subindo ao céu, levada pelo vento. Ao lado, sentados em um banco, um casal de namorados conversava; mais adiante, estava em andamento a brincadeira do pau de sebo; à sua frente, várias pessoas desfilavam suas vestes novas. Vilma observava tudo com seu ar superior. De repente, do outro lado da fogueira, começou a se formar uma imagem conhecida, ainda ofuscada pela dança da fumaça. A mulher tinha os olhos presos nessa direção e, num instante, conseguiu decifrar a figura. Era a imagem perfeita de Maria que, usando um vestido branco, caminhava em sua direção. Seu espanto foi enorme e ela ficou sem ação por um momento. Uma mistura de pânico e terror consumia seu corpo. Algumas pessoas passaram do lado da fogueira e, no meio do tumulto, o espectro desapareceu. Vilma olhou para os lados certificando-se daquela ausência e buscou a companhia do esposo. Seu nervosismo, seguido de medo, era notório.

- Salgado, eu quero ir embora agora.

- Mas já? Você sempre fez questão de ficar até ao final da festa – retruca o homem.

- Agora! Vamos nos despedir do padre.

A camioneta vence a esquina, segue por alguns quarteirões e se aproxima da orla da cidade. Theo viajava escondida sob uma lona na carroceria do automóvel. Tudo parecia bem, mas de repente o motor para de funcionar. Zé Mário tenta várias vezes fazer a máquina pegar novamente. Vendo que era inútil, dá um soco no volante, desce e abre o capô para descobrir o que estava acontecendo. No mesmo instante, outro automóvel aparece, vai diminuindo a marcha e para. Por um raro momento, Zé Mário pensa ter conseguido ajuda. Ele olha e mal consegue acreditar. Eram Mauro e Vilma que voltavam da quermesse. O homem desce e se aproxima.

- O que aconteceu, meu rapaz? Não está meio tarde pra você ficar rodando por aí?

- É o seu Juca... Ele me mandou buscar mercadorias... O senhor sabe como ele é apavorado...

Em seu esconderijo, Theo se desespera ao ouvir a conhecida voz. O rapaz completa:

- Eu acho que foi o carburador, seu Salgado.

- Entendo. Sendo assim, o seu carro tem que ser rebocado. Deve ter uma corda aí nessa traseira, não? – diz o homem se dirigindo para a carroceria da camioneta.

Neste exato momento, a festa da quermesse é interrompida pelo barulho de um tiro. Todos correm ao local para ver o ocorrido. No final da praça, ao lado de um caminhão, havia um corpo estendido na terra e um homem com o revólver na mão.

- Meu Deus! É o Gabriel!

- Ele matou o caminhoneiro.

Próximo à orla da cidade, Zé Mário acabava de se posicionar no caminho de Mauro, colocando a mão direita em seu peito.

- Pode deixar que eu pego, seu Salgado.

Debaixo da lona, a menina se encolhia tremendo de medo.

- Eu pego – insiste o homem, percebendo que havia algo errado.

Mauro chega à carroceria, abre uma lateral e olha para dentro. Sob a lona, Theo estava imóvel, quase sem respirar. O imenso esforço de manter o silêncio, no entanto, foi em vão. Sua caixinha de música começou a tocar sozinha algumas notas musicais, como frequentemente acontecia. O homem tira seu cachimbo da boca, entendendo finalmente o que acontecia. Vilma grita lá do carro:

- Vamos! Anda logo! Estou com frio.

Ele pensa por um instante e, nesse momento de decisão, lembra-se das conversas com Juca sobre caráter, sobre a vida. Fica imóvel por mais alguns segundos, depois fecha a lateral e caminha em direção ao seu automóvel.

- Pode ir embora, moleque. Vá com Deus. Boa viagem.

Salgado se perde na névoa que começa a tomar conta da noite, entra em seu carro e vai embora. O rapaz sobe na camioneta e tenta novamente dar a partida, mas sem sucesso. Ainda sob a lona, Theo ora fervorosamente pedindo auxílio a uma pessoa conhecida.

- Mãe, ajuda, por favor!

De repente, o motor volta a funcionar e eles seguem finalmente rumo ao seu destino. Theo levanta a lona, sente a brisa da noite tocar seu rosto e, por alguns instantes, na febre do alívio, acredita ver Maria sorridente na beira da estrada, vestida de branco, com seus cabelos esvoaçando, abanando a mão em despedida. Seus olhos se enchem de lágrimas enquanto a velha camioneta singra a estrada de terra batida, deixando para trás uma vida de penúria e dor. A noite avança e o sol começa a dar seus primeiros lampejos no horizonte, fazendo dourar toda a pradaria.

No dia seguinte, um homem de expressão séria e olhar decidido, entra na sala do delegado. É seu Juca.

- Dá licença, doutor. O senhor me permite acender um cigarrinho de palha. Não quero desrespeitar o senhor. O que eu vou falar não é, como lá se diz, o desabafo de um homem solitário e sem família não, é na verdade o desejo de uma cidade inteira. É quando a gente tampa os olhos, os ouvidos e a boca cometendo um mal maior do que... Com o perdão da palavra, do que o próprio demônio. É por riba da nossa covardia, doutor, que o mal brota, cresce feito mato grande, com galhos enormes fazendo sombra pra tudo quanto é lugar. É por causa dessa gente que se acha importante que eu vou falar. Eu faço questão de falar, se o senhor me permite, com todo o respeito. Eu quero dar nome aos bois, falar de cada um deles aqui pro senhor, na frente do senhor. Porque talvez, talvez sejam os pequeninos, doutor, que fazem

essa história. E talvez não sejam aqueles que têm o sobrenome importante, respeitado. São os pequeninos, os esquecidos, espalhados por esse mundão de meu Deus! Mas eu acho melhor o senhor passar um café, porque essa é uma história comprida, doutor...